

Cadernos da Comunicação  
Série Estudos

# **New Journalism**

## **A reportagem como criação literária**

Rio de Janeiro (cidade). Secretaria Especial de  
Comunicação Social.

New journalism: a reportagem como criação literária /  
Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Especial de  
Comunicação Social. – Rio de Janeiro: A Secretaria, 2003.  
96 p.:il. – (Cadernos da comunicação. Série Estudos; v.7)

ISSN: 1676-5494

1. Jornalismo e literatura. 2. Reportagens e repórteres. I.  
Secretaria Especial de Comunicação Social. II. Título.

CDD 070.43

Os *Cadernos da Comunicação* são uma publicação da  
Secretaria Especial de Comunicação Social da Prefeitura do  
Rio de Janeiro.  
Agosto 2003

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro  
Rua Afonso Cavalcanti 455 – bloco 1 – sala 1.372  
Cidade Nova  
Rio de Janeiro – RJ  
CEP 20211-110  
e-mail: cadernos@pcrj.rj.gov.br

Todos os direitos desta edição reservados à Prefeitura da  
Cidade do Rio de Janeiro. Nenhuma parte desta publicação  
pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/  
ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico) ou arquivada  
em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão  
escrita da Prefeitura.



Secretaria Especial de Comunicação Social

**Prefeito**

Cesar Maia

**Secretária Especial de Comunicação Social**

Ágata Messina

**CADERNOS DA COMUNICAÇÃO**

**Série Memória**

**Comissão Editorial**

Ágata Messina

Helena Duque

Leonel Kaz

Regina Stela Braga

**Edição**

Regina Stela Braga

**Redação e pesquisa**

Andrea Coelho

**Revisão**

Alexandre José de Paula Santos

**Projeto gráfico e diagramação**

Marco Augusto Macedo

**Capa**

Carlos Amaral/SEPE

Marco Augusto Macedo

## **CADERNOS DA COMUNICAÇÃO**

### **Edições anteriores**

#### *Série Memória*

- 1 - Correio da Manhã – Compromisso com a verdade
- 2 - Rio de Janeiro: As Primeiras Reportagens – Relatos do século XVI
- 3 - O Cruzeiro – A maior e melhor revista da América Latina
- 4 - Mulheres em revista – O jornalismo feminino no Brasil
- 5 - Brasília, capital da controvérsia – A construção, a mudança e a imprensa
- 6 - O Rádio Educativo no Brasil
- 7 - Última Hora – Uma revolução na imprensa brasileira

#### *Série Estudos*

- 1 - Para um Manual de Redação do Jornalismo On-Line
- 2 - Reportagem Policial – Realidade e Ficção
- 3 - Fotojornalismo Digital no Brasil – A imagem na imprensa da era pós-fotográfica
- 4 - Jornalismo, Justiça e Verdade
- 5 - Um olhar bem-humorado sobre o Rio nos anos 20
- 6 - Manual de Radiojornalismo

O *new journalism* surgiu nos Estados Unidos, em meados da década de 60, como uma alternativa ao jornalismo de estilo objetivo e distanciado dos fatos, que caracterizava a imprensa americana até então. A reportagem deixava de ser um simples relato para se transformar num texto quase literário, que reconstruía os acontecimentos a partir da vivência do repórter.

Considerado um "jornalismo de autor", nos moldes do "cinema de autor", o novo estilo abandonava dogmas do jornalismo tradicional, como neutralidade, distanciamento e narrativa sempre na terceira pessoa, para valorizar a figura do repórter no meio dos acontecimentos, dando a ele liberdade para criar e ousar a partir do registro de detalhes como gestos, hábitos, decoração e vestuário. A reportagem foi transformada numa espécie de novela realista.

A esse estilo de *new journalism* se dedicaram repórteres – depois escritores – como Tom Wolfe, Truman Capote e Gay Talese. No Brasil, ele chegou em 1966, com o lançamento, em São Paulo, da revista *Realidade* e do *Jornal da Tarde*, ambos trazendo reportagens que se aproximavam da literatura e que abrigaram toda uma geração de jornalistas-escritores.

Mas, muito antes do termo *new journalism* existir e ser reconhecido como um estilo, vários repórteres já haviam lançado mão da observação de detalhes e da redação que se aproximava da literatura em suas crônicas, artigos ou relatos de viagens. Exemplo disso, as reportagens de Charles Dickens, de 1835, para o jornal inglês *Morning Chronicle* ou do americano Ernest Hemingway para o *Kansas City Star*, onde começou sua carreira aos 17 anos. Mais tarde, suas reportagens sobre a Primeira Guerra Mundial e sobre a Guerra Civil Espanhola, onde esteve como correspondente, lhe serviram de base para os *best-sellers Adeus às armas* e *Por quem os sinos dobram*, respectivamente.

O mesmo fez Euclides da Cunha no Brasil, cujas reportagens como enviado especial do jornal *O Estado de S. Paulo* na Guerra de Canudos foram o embrião do antológico *Os sertões*. Ainda hoje se destacam no cenário literário internacional alguns exemplos de jornalistas-escritores, como o americano Norman Mailer, o peruano Mario Vargas Llosa e o colombiano Gabriel Garcia Márquez, que eventualmente se dedicam a relatos jornalísticos com a sintaxe da arte literária.

CESAR MAIA

Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro

*A idéia era dar a descrição objetiva completa, e um algo mais que os leitores sempre tiveram de buscar nos romances e contos, ou seja, a vida subjetiva ou emocional dos personagens.*

**Tom Wolfe**

# Sumário

<b>1. Jornalismo literário</b>	
O legado de ontem . . . . .	9
<b>2. A sangue frio</b> . . . . .	15
<b>3. O teste do ácido do refresco elétrico</b> . . . . .	21
<b>4. Hiroshima</b> . . . . .	27
<b>5. Os sertões</b> . . . . .	33
<b>6. O velho novo jornalismo europeu</b> . . . . .	39
<b>7. A geração Realidade</b> . . . . .	47
<b>8. E surge uma nova revista</b> . . . . .	53
<b>9. O new journalism e a experiência</b> da revista Realidade . . . . .	59
<b>10. Sós, com Deus</b> . . . . .	65
<b>11. O jornal da era do Aquário</b> . . . . .	75
<b>12. Histórias de um crioulo reprodutor</b> . . . . .	81
<b>13. Jornalismo literário</b>	
O desafio de agora . . . . .	89
<b>14. Bibliografia</b> . . . . .	95



# Jornalismo literário

## O legado de ontem

por *Edvaldo Pereira Lima\**

A exuberância narrativa do *new journalism* norte-americano marcou época, instigou corações e mentes a produzir reportagens de profundidade caracterizadas pelo intenso mergulho do repórter na realidade. Profissionais de merecida fama, como Tom Wolfe, Gay Talese, Truman Capote, Norman Mailer, George Plimpton, Joan Didion, Barbara L. Goldsmith, Rex Reed, John Sack e tantos outros, transformaram-se em referência inspiradora para novas gerações de narradores motivados a praticar um jeito diferente de fazer jornalismo.

A diferença acontece em relação à modalidade mais conhecida do jornalismo, a vertente que podemos chamar de jornalismo convencional. Trata-se, esta, de um modo de captação, apuração e expressão da realidade, regido por princípios muito bem demarcados, que deixam pouca margem de autonomia para os repórteres. As regras, que codificam o exercício desse jornalismo, estipulam o enquadramento do relato em elementos básicos universalmente conhecidos – o que, quem, como, onde e por quê –, pouco envolvimento do repórter com os personagens e com os cenários de suas matérias, um foco bastante impessoal, pouco espaço para experimentos de estilo.

---

(\*) Edvaldo Pereira Lima é jornalista, doutor em Ciências da Comunicação, professor da Escola de Comunicação da Universidade de São Paulo e diretor do Curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba. Seus livros relacionados ao tema são: *Páginas ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*, *O que é livro-reportagem* (Editora Brasiliense), *Ayrton Senna: Guerreiro de Aquário* (Brasiliense) e *Econautas: Ecologia e jornalismo literário avançado* (Editoras Fundação Peirópolis e Ulbra, São Paulo, SP, e Canoas, RS).

A proposta desenhada pelo *new journalism*, por sua vez, tanto criou caminhos próprios quanto se inspirou numa outra tradição do jornalismo, existente desde muito antes de Truman Capote fazer história com seu premiado trabalho *A sangue frio*. Essa tradição é o jornalismo literário, assim denominado pela incorporação de recursos e técnicas de captação e redação provenientes da literatura. É um jornalismo narrativo, de autor. Busca expressar a realidade contando histórias, na maioria das vezes com um foco centrado fortemente nas pessoas de carne e osso que dão vida aos acontecimentos. Espera-se, do narrador, uma voz própria, um estilo individualizado de condução do texto.

Já se fazia isso muito antes de Tom Wolfe nascer. Um exemplo clássico<sup>1</sup> é extraído de uma reportagem produzida por John Reed, que se notabilizou pela cobertura de duas revoluções mundialmente importantes, ocorridas na segunda década do século XX, a mexicana e a bolchevique:

– Sou o tenente Antonio Montoya, às suas ordens – anunciou. Soube que havia um gringo neste hotel e vim para matá-lo.

– Sente-se – disse-lhe, com toda a cortesia.

Notei que estava muito embriagado. Tirou o chapéu, inclinou-se cerimoniosamente e puxou uma cadeira. Então sacou outra pistola que trazia debaixo do casaco e pôs ambas sobre as mesas. As duas estavam carregadas.

– O senhor quer um cigarro?

Ofereci-lhe um pacote. Tomou um cigarro, agradecendo-me e acendeu-o no candeeiro. Em seguida recolheu as pistolas e apontou-me com elas. Seus dedos apertavam lentamente os gatilhos, mas os afrouxavam novamente. Eu estava tão fora de mim que a única coisa que poderia fazer era esperar.

- A única dificuldade que tenho – disse-me – é a de resolver qual revólver devo usar.
- Desculpe-me – disse-lhe, trêmulo –, mas, na minha opinião, ambos parecem um pouco antiquados. Esse Colt 45 é certamente um modelo de 1895 e quanto ao Smith & Wesson, aqui entre nós, não passa de um brinquedo.
- É verdade – contestou, olhando-as com um pouco de tristeza. Se tivesse pensado antes, teria trazido minha automática nova. Mil desculpas, senhor. Suspirou e apontou de novo os canos de suas armas para meu peito, com uma expressão de tranqüilidade satisfeita, acrescentando:
- Apesar disso, já que é assim, faremos o melhor que pudermos.

Se você, leitor, tiver a impressão de que o texto flui como um conto ou como um romance, sua dedução estará bastante correta. Pois foram escritores do século XIX – especialmente os grandes nomes da escola literária do realismo social, como o inglês Charles Dickens (1812-1870) e o francês Honoré de Balzac (1799-1850) – que inspiraram os jornalistas a aplicar ao relato da realidade as técnicas narrativas que empregavam no trabalho de ficção. Os escritores do realismo social – movimento que teria repercussão na América do Norte e no Brasil do século XX, através de nomes como John dos Passos, William Faulkner, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos – haviam aberto o precedente do desenvolvimento de recursos eficazes como a técnica de símbolos do *status* de vida. Pesquisavam minuciosamente uma situação real – o modo de falar das classes marginais em Londres, os hábitos da classe burguesa decadente de Paris – para posicionar, naquele contexto, sua narrativa de ficção.

Aos jornalistas cabia um outro desafio: usar as mesmas técnicas narrativas, porém com o objetivo de retratar com fidelidade o mundo real.

Quando os novos jornalistas americanos surgiram, o *jornalismo literário* já havia conquistado espaço considerável ao longo das décadas anteriores, testando as técnicas literárias transplantadas para o jornalismo que, através da produção de gente de prestígio como A. J. Liebling, Joseph Mitchell, Lillian Ross, Ernest Hemingway. Gay Talese e seus contemporâneos dos anos 60 e 70, aperfeiçoaram essas técnicas, assim como inovaram com a introdução de pelo menos duas novas. Tom Wolfe trouxe para o jornalismo a técnica do fluxo de consciência – que fora introduzida na literatura de ficção por James Joyce, em seu trabalho *Ulisses* –, enquanto Norman Mailer criou a técnica do ponto de vista autobiográfico em terceira pessoa.

Assim, o *new journalism* configura-se como uma versão própria e renovadora do *jornalismo literário*.

Seria um equívoco histórico, porém, deduzir que o fenômeno é puramente norte-americano. O escritor, jornalista e professor universitário argentino Tomás Eloy Martínez aponta, em seu artigo “*Periodismo y Narración: Desafíos para el Siglo XXI*”,<sup>2</sup> três grandes pioneiros latino-americanos: o cubano José Martí (1853-1895), o mexicano Manuel Gutierrez Najera (1859-1895) e o nicaraguense Rubén Darío (1867-1916).

Já no século XX, na década dos 50, o colombiano Gabriel García Márquez começou a se notabilizar como jornalista, antes de sua fama de escritor de ficção, com sua ótima reportagem “Relato de um Naufrago”.<sup>3</sup> Na Espanha, pelo menos desde os anos 70, profissionais de renome como Rosa Montero, Vázquez Montalbán, Francisco Umbral, Manuel

Vicent e Maruja Torres praticam uma modalidade particular de *jornalismo literário*, que os espanhóis chamam de *periodismo informativo de creación*. No Brasil, tivemos, nos anos 60 e 70, alguns anos de produção de grande qualidade na revista *Realidade* e no *Jornal da Tarde* paulista.

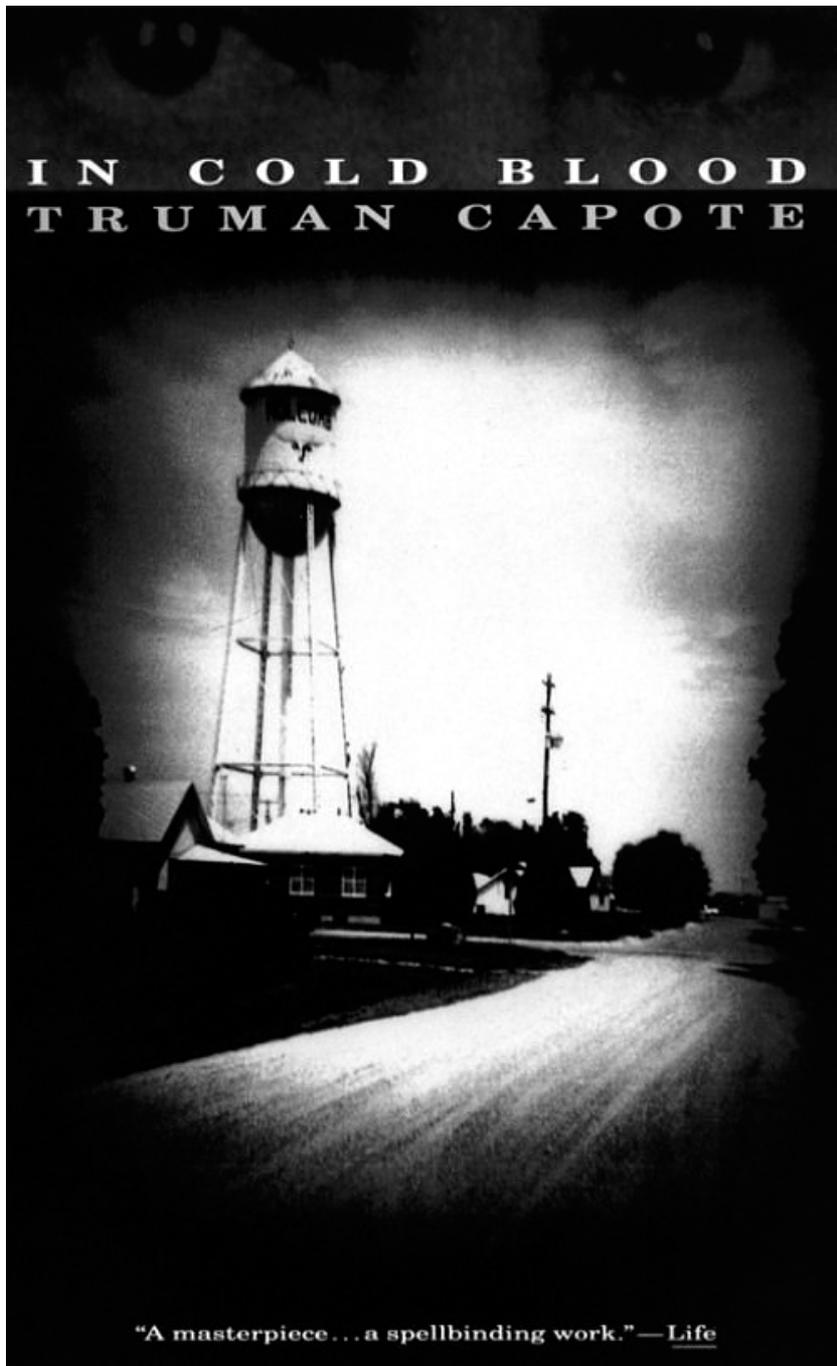
---

<sup>1</sup> Citado em: Lima, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. SP: Editora da Unicamp, Campinas, 1995.

<sup>2</sup> Disponível no *site* da Fundación Nuevo Periodismo Iberoamericano [www.fnpi.org](http://www.fnpi.org)

<sup>3</sup> Publicada no Brasil pela Editora Record.

IN COLD BLOOD  
TRUMAN CAPOTE



"A masterpiece... a spellbinding work."—Life

## A sangue frio



**Truman Capote**

Truman Capote nasceu em New Orleans, em 30 de setembro de 1924. Seu primeiro romance, *Other voices, other rooms* transformou-se num sucesso literário internacional quando foi publicado pela primeira vez, em 1948, e levou o autor a ocupar um posto de importância entre os escritores da geração americana do pós-guerra. Ele sustentou essa posição com a publicação de contos, novelas e romances, alguns dos melhores relatos sobre viagens dos nossos tempos, perfis e reportagens que apareceram originariamente na *The New Yorker*. Foi lá que, em 1956, inaugurou seu projeto de jornalismo literário com “Ouvindo as Musas”, um relato da excursão de uma companhia de teatro americana à União Soviética no ano anterior. Ele acompanhou a viagem, na condição de enviado especial da revista.

Apesar da forma de relato jornalístico, algumas das pessoas citadas queixaram-se de que o escritor havia tomado o lugar do repórter, pois teria forjado cenas, criado diálogos e atribuído aos “personagens” pensamentos e atitudes com as quais não concordavam.

Uma dessas personagens, Nancy Ryan, secretária da companhia teatral, no entanto, desculpou-o dizendo: “Ele brincava com as coisas. Mas não alterava a verdade básica ou o espírito genuíno de tudo aquilo”. Segundo o biógrafo do escritor, o jornalista Gerald Clark, autor de *Capote – Uma biografia*, ele “era bisbilhoiteiro e registrava o que as pessoas diziam, não o que elas queriam que ele dissesse”.

Mas foi ao criar um novo gênero de jornalismo com um “romance não ficcional” sobre o brutal assassinato de uma família de fazendeiros do Kansas por dois supostos ladrões, que o escritor-jornalista realmente deu início a uma experiência pioneira que influenciaria um sem-número de escritores. A *The New Yorker* aprovou a viagem de Capote como enviado especial para produzir um artigo sobre o crime, mas ele ficou cinco anos escrevendo o seu “romance jornalístico”.

No dia 15 de novembro de 1959, na pequena cidade de Holcomb, quatro membros da família Clutter foram selvagemmente assassinados por tiros de espingarda a poucos centímetros de seus rostos. Não havia nenhum motivo aparente para o crime, e também nenhuma pista. Cinco anos, quatro meses e 29 dias mais tarde, no dia 14 de abril de 1965, Richard Eugene Hickock, de 33 anos, e Perry Edward Smith, de 36, foram enforcados pelo crime na penitenciária do Estado do Kansas, na cidade de Lansing.

Capote entrevistou, pesquisou, levantou pormenores, ficou íntimo tanto dos policiais como dos dois assassinos, que acompanhou até serem executados. A “reportagem” foi publicada em esquema de folhetim, em capítulos semanais e, mais tarde, em forma de livro.

A crônica resultante é uma verdadeira obra-prima de não ficção – angustiante e terrível prova de que mesmo os tempos atuais, tão fartos de desastres, ainda são capazes de gerar tragédias. É verdade que o crime descrito pelo escritor e jornalista – quatro pessoas mortas

por desconhecidos – já não choca tanto quanto antigamente. No entanto, o caso perturbou os Estados Unidos do início dos anos 60, não só pela violência da situação em si, mas também porque ela ocorreu em um estado, Kansas, tido como “pacífico” por quase toda a população do país.

*A sangue frio* é a história das vidas e mortes dos seis personagens. Mas o que faria um leitor do século XXI abrir o livro por livre e espontânea vontade, mesmo já sabendo o enredo? A vontade de ler uma reportagem que ultrapassou os limites do “temporal” e acabou se transformando não só no retrato de um crime, mas em uma aula de apuração e estilo. O trunfo de Capote está nos detalhes de sua investigação e na destreza com a qual ele maneja as informações a respeito das quatro mortes. Cada passo é documentado com rigor. Os detalhes, contudo, longe de perturbarem o curso da ação, permitem que o autor reconstrua os cenários e dê vida às personagens.

Mesmo conhecendo o fim da história de antemão, o leitor fica sem saber o que vai acontecer na página seguinte, fazendo sua própria investigação para descobrir quem vai, ou se alguém vai, conseguir colocar as mãos nos assassinos. Há a descrição do último dia da família Clutter, idéias e até pensamentos – uma liberdade que Capote tomou após exaustivas entrevistas com todos os envolvidos na investigação. A morte é planejada aos olhos do leitor, e cada ação dos assassinos é relatada como em um filme documentário.

Com a publicação desse livro, Capote acabou com a barreira que separava a reportagem criminal da literatura. Ao reconstruir o assassinato da família de fazendeiros e a investigação que levou à captura, ao julgamento e à execução dos criminosos, Capote gera suspense e empatia. E o livro se tornou uma aula prática de técnica e estilo, conjugando os detalhes da apuração com o brilho literário.

A diferença entre a obra literária e o *new journalism* poderia ser explicada pelo próprio Truman Capote no prefácio do seu livro *Os cães ladram*, referindo-se ao perfil que fez do ator Marlon Brando para a revista *New Yorker*:

Era minha opinião que a reportagem poderia ser uma arte tão elevada e requintada quanto qualquer outra forma de prosa – o ensaio, o conto, a novela – uma teoria ainda não tão arraigada em 1956, o ano em que o trabalho foi publicado, quanto é hoje, quando a sua aceitação tornou-se talvez um tanto exagerada. Minha idéia foi a seguinte: qual o nível mais superficial da arte jornalística, tão difícil de transformar como fazer de uma orelha de porco uma bolsa de seda? A “entrevista” com astros do cinema, no gênero *Silver Screen*: por certo nada seria mais difícil de enobrecer! Depois de escolher Brando como o espécime da experiência, passei em revista o meu equipamento (cujo principal ingrediente é o talento para registrar mentalmente longas conversações... pois estou firmemente convencido de que o ato de tomar anotações – para não falar do uso de um gravador de fita – cria um clima artificial, e distorce, ou mesmo destrói, qualquer naturalidade que possa existir entre o observador e o observado, entre o nervoso beija-flor e o seu pretense captor)... O que mais aprendi em tudo isso foi como controlar a escrita “estática”, como revelar caracteres e sustentar uma atmosfera sem o auxílio de uma linha narrativa – sendo esta, para o escritor, o que são a corda e a picareta para o alpinista.



*Até aquela manhã em meados de novembro de 1959, poucos americanos – de fato, poucos moradores do Kansas – nunca haviam ouvido falar de Holcomb. Assim como as águas do rio, assim como os motoristas na rodovia e assim como os trens amarelos cruzando os trilhos de Santa Fé, o drama, na forma de acontecimentos excepcionais, nunca havia parado ali. Os habitantes dessa cidadezinha, em número de duzentos e setenta, estavam satisfeitos de que as coisas fossem assim, muito contentes com sua vidinha comum – trabalhar, caçar, assistir à televisão, ir a festinhas da escola, ensaios do coral, reuniões no 4-Club. Mas de repente, nas primeiras horas daquela manhã de novembro, uma manhã de domingo, alguns sons estranhos se sobrepuseram aos barulhos noturnos normais de Holcomb – à aguda histeria dos coiotes, ao seco farfalhar das folhas, ao comprido, insistente lamento dos apitos da locomotiva. Nesse momento, nenhuma alma na Holcomb adormecida os ouviu – quatro tiros de espingarda que, ao todo, ceifaram seis vidas humanas. Mas depois disso os habitantes da cidade, até então suficientemente confiantes um no outro a ponto de quase nunca se preocuparem em trancar suas portas, deram asas à fantasia recriando repetidas vezes – aquelas sombrias explosões que estimularam lampejos de desconfiança na maneira com que muitos antigos vizinhos passaram a olhar um para o outro com estranheza, como estranhos.\**

---

(\*) Fragmento de texto traduzido do livro *In cold blood (A sangue frio)*, de Truman Capote. Random House, 2002.

# Tom Wolfe

## O TESTE DO ÁCIDO DO REFRESCO ELÉTRICO



Poco

## O teste do ácido do refresco elétrico



**Tom Wolfe**

Tom Wolfe, outro dos “papas” do *new journalism*, foi repórter nos anos 60 dos jornais *Springfield Union*, *The Washington Post* e *New York Herald Tribune*, e também escreveu para as revistas *Esquire*, *Harper's* e *New Yorker*. Junto com Gay Talese, publicou na *Esquire* matérias que podiam ser lidas como um conto.

Jornalistas tradicionais, como Haynes Johnson, do *The Washington Post*, não viram com bons olhos as novas idéias: “Quando Tom Wolfe e as pessoas que se intitulam elas próprias de Novos Jornalistas inventam as personagens se nos dizem o que as pessoas pensam porque falaram com muitas delas, bem, elas estão fazendo o papel de Deus... Ninguém pode inventar citações e personagens e dizer que isso é jornalismo. É uma coisa diferente e deveria ser catalogada diferentemente”, disse Johnson. Já Talese diria, no prefácio do seu livro *Aos olhos da multidão*: “O *new journalism*, embora possa ser lido como ficção, não é ficção. É, ou deveria ser, tão verídico como a mais exata das reportagens, embora buscando uma verdade mais ampla que a possível, através da mera compilação de fatos comprováveis”.



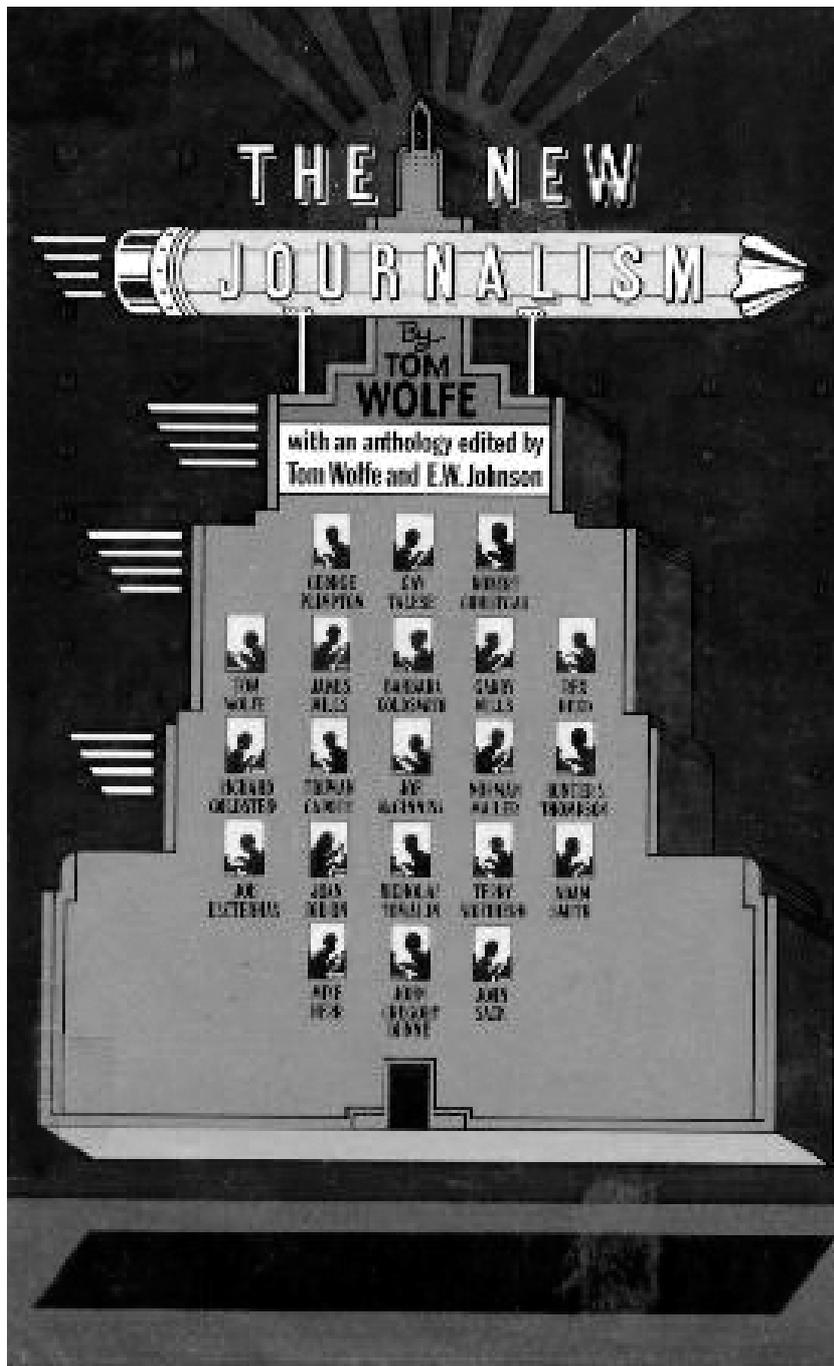
**Gay Talese**

O primeiro romance de ficção de Wolfe, *A fogueira das vaidades*, publicado em 1987, foi adaptado para o cinema. *Os eleitos*, livro que escreveu sobre a conquista espacial, também virou *best-seller* e ganhou as telas. No prefácio da edição brasileira, Paulo Francis comenta que o autor “mudou o rumo do romance americano”. Tom Wolfe cunhou expressões como “a década do eu”, “mestre do universo” e “radical chic”.

Em 1973, o jornalista e escritor havia publicado o livro *The new journalism*, com suas idéias de como deveria ser feita uma boa reportagem. Idéias que já estavam presentes nos emblemáticos anos 60, quando, em companhia de um bando de *hippies*, percorreu os Estados Unidos a bordo de um velho ônibus escolar. Anotando tudo em seu bloquinho, educadamente recusava experimentar LSD, enquanto o líder Ken Kesey e seus Merry Pranksters (Festivos Gozadores) tentavam fazer uma revolução utilizando as drogas como um novo caminho para interpretar a realidade. Com o herói de *On the road*, Neal Cassady, como motorista nessa viagem, Kesey havia transformado o ôni-

bus numa tribuna volante, fazendo a ligação entre a época *beat* com o domínio dos *hippies*, enquanto Tom Wolfe escrevia uma das maiores odisséias do jornalismo contemporâneo.

Com entrevistas, consultas a fitas, filmes e cartas, Wolfe retratou, além das drogas, a presença hipnótica da tecnologia, o misticismo, o *rock* e a ruptura dos padrões morais. Mas não é nem de longe um retrato glamouroso, apesar da indiscutível simpatia do autor pelos companheiros da viagem. Publicado pela primeira vez em 1968, *O teste do ácido do refresco elétrico* mostra o lado ingênuo, para não dizer patético, de um grupo de jovens idealistas que tiveram um dia a pretensão de revolucionar o mundo. A narrativa ultrapassa o aspecto simplesmente circunstancial de uma reportagem, atingindo um valor genuinamente literário ao recriar os primeiros momentos da grande transformação cultural que marcou a segunda metade do século XX.





(...)

*Um brilho mais intenso no centro da garagem. Consigo distinguir um ônibus escolar... brilhando amarelo, laranja, magenta, lavanda, azul-piscina, todos os tons pastéis fluorescentes imagináveis em milhares de formas e desenhos, tanto grandes como pequenos, como uma mistura de Fernand Léger e Dr. Strange, urrando e palpitando uns sobre os outros como se alguém tivesse dado cinquenta baldes de tinta luminosa e um ônibus modelo 1939 da Escola Internacional Harvester para Hieronymous Bosch, e o mandasse atacar. No chão, perto do ônibus, se vê uma faixa de quatro metros e meio com os dizeres TESTE PARA A SUPERANÇA DO ÁCIDO, e dois ou três dos Indivíduos-Bandeira estão trabalhando nela. A voz catarrenta de Bob Dylan continua expectorando e as pessoas se agitam em volta, e ouço o choro de bebês. Não os vejo, mas estão em algum lugar aqui, chorando. Meio à parte, num canto, vejo um sujeito de uns quarenta anos com um bocado de músculos, e dá para ver bem porque está sem camisa – só calça cáqui, umas botas de couro e a sua tremenda compleição física – e parece estar num transe cinético, deixando cair repetidas vezes um pequeno martelo de forja, mas sempre dando um jeito de aparar o martelo pelo cabo antes que caia, usando os braços e as pernas, escoiceando o tempo todo e bamboleando os ombros e girando a cabeça, tudo num ritmo espasmódico como se em algum lugar Joe Cuba estivesse tocando Bang Bang embora, na verdade, nem mesmo Bob Dylan está mais tocando e do alto-falante, onde quer que esteja, vem o som de uma espécie de gravação com uma voz espectral dizendo:*

*– ... A Mina de Lugar-Algum... arranjamos invólucros de chiclete... – um tipo de música eletrônica bizarra tocava ao fundo, com uns intervalos orientais, como a música de Juan Carrillo: – A gente vai sacudir o mundo por baixo... trabalhando na Mina de Lugar-Algum... nesse dia, todo dia...\**

(...)

---

(\*) Fragmento do capítulo “Sapatos pretos lustrosos do FBI”, do livro *O teste do ácido do refresco elétrico*, de Tom Wolfe, tradução de Rubens Figueiredo. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

# JOHN HERSEY

*A mais importante  
reportagem do  
século XX: um retrato  
de seis sobreviventes  
da bomba atômica,  
um ano depois da  
explosão e quarenta  
anos mais tarde*

## HIROSHIMA

JORNALISMO  LITERÁRIO  
COMPANHIA DAS LETRAS

## Hiroshima



**John Hersey**

Quando a bomba atômica foi lançada sobre Hiroshima, em 6 de agosto de 1945, poucos foram os que previram o seu potencial de devastação. Um ano depois, Harold Ross, o fundador da revista *The New Yorker*, por sugestão do editor William Shawn, pediu a seu colaborador John Hersey um relato sobre a cidade bombardeada, com a população praticamente reduzida à metade. Hersey era chinês de nascimento, mas, ainda criança, mudara-se com a família para os Estados Unidos. Trabalhou como correspondente internacional das revistas *Time* e *Life*, e como colaborador da *The New Yorker*. Jornalista e escritor, recebeu, em 1945, o Prêmio Pulitzer pelo livro de ficção *A bell for Adamo*.

Sobre Hiroshima, Hersey fez uma grande reportagem no mais puro estilo do *new journalism*. Seu relato, escrito em seis semanas, levou ao mundo todo, em primeira mão, depoimentos de alguns sobreviventes. Planejada para ser editada em série, como era praxe na revista para matérias longas, por sugestão de Shawn foi publicada de uma só vez, numa edição monotemática com 68 páginas, trazendo a seguinte nota:

Esta semana *The New Yorker* devota todo o espaço editorial a um artigo sobre a quase completa obliteração de uma cidade por uma bomba atômica e sobre o que aconteceu à população daquela cidade. Isso é feito com base na convicção de que poucos de nós compreenderam todo o inacreditável poder destrutivo dessa arma, e que todos possam ter tempo para considerar a terrível implicação do seu uso.\*

As palavras da senhorita Sasaki, do dr. Fujii, da senhora Nakamura, do padre Kleinsorge, do dr. Sasaki e do reverendo Tanimoto deram um rosto às estatísticas que saturavam a mídia e exigiam uma explicação pública. Para quem acreditava que a bomba ajudara a pôr um fim na guerra ou que teria sido um mal inevitável, *Hiroshima* era uma resposta. Pela voz dos sobreviventes, o autor nos transmite, com estilo sóbrio, o medo, a confusão, o pânico e a resignação de indivíduos enfrentando uma força cataclísmica.



---

(\*) In: Posfácio de Hersey, John, *Hiroshima*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.



Foto internet



Hiroshima bombardeada - foto internet

*Hiroshima* é considerada por muitos a mais importante reportagem do século XX e, com certeza, nenhuma outra teve a sua repercussão. Os 300 mil exemplares da revista esgotaram-se rapidamente e, depois, cópias do texto chegaram a ser vendidas por muitas vezes o preço de capa do exemplar. Os direitos de reimpressão no país e no exterior foram doados pela revista para a Cruz Vermelha. As cadeias de rádio ABC, nos Estados Unidos, e BBC, na Inglaterra, puseram atores no ar lendo a reportagem que, logo depois, foi editada em formato de livro.

O destino das seis vítimas foi brilhantemente descrito quando, quase quatro décadas após a publicação do livro, John Hersey voltou a Hiroshima à procura das pessoas cujas histórias havia contado e, num eloqüente capítulo final, mostrou o que aconteceu com estes seis *hibakusha*, ou seja, “pessoas afetadas pela explosão”.



*Na manhã da explosão o padre Kleinsorge acordou por volta das seis e meia hora depois – estava meio lerdo, por causa de sua condição física –, começaram a rezar a missa na capela do complexo jesuítico, um pequeno edifício de madeira, em estilo japonês, onde não havia bancos, pois os devotos se ajoelhavam nas habituais esteiras, diante de um altar adornado com esplêndidas sedas, objetos de latão e de prata, pesados bordados. Naquela segunda-feira os únicos fiéis presentes eram o sr. Takemoto, um estudante de teologia que morava na casa da missão; o sr. Fukai, secretário da diocese; a sra. Murata, governanta da missão e cristã fervorosa; e os outros jesuítas. No final da missa, durante a ação de graças, a sirene soou. O sacerdote interrompeu a celebração e, junto com seus colegas, atravessou o complexo da missão, dirigindo-se ao prédio maior. Em seu quarto, situado no andar térreo, à direita da entrada, trocou a batina pelo uniforme militar que adquirira quando lecionava em Kobe, no ginásio Rokko, e que usava por ocasião dos alarmes antiaéreos.*

*Depois de um alarme o padre Kleinsorge sempre saía para observar o céu; foi o que fez então e ficou contente ao avistar apenas o avião meteorológico que diariamente sobrevoava Hiroshima nesse horário. Certo de que nada haveria de acontecer, entrou novamente no prédio e tomou seu desjejum com os outros religiosos, o café e o pão repugnando-lhe como nunca, em função de seu mal-estar. Sentados à mesa, os sacerdotes conversaram durante algum tempo até que, às oito horas, ouviram o aviso de que o perigo havia passado e se separaram. (...) O padre Kleinsorge subiu para o terceiro andar, despiu-se, mantendo apenas a roupa de baixo, e se deitou num catre para ler a Stimmen der Zeit.*

*Ao ver o terrível clarão – que, diria mais tarde, lembrou-lhe uma história que lera na infância, sobre a colisão de um meteoro imenso com a Terra –, teve tempo (pois se encontrava a 1.260 metros do centro) para um único pensamento: uma bomba caiu em cima de nós. Então perdeu os sentidos por alguns segundos ou minutos.*

*Nunca soube como saiu do prédio. As primeiras coisas de que se deu conta, ao recobrar a consciência, foi que vagou pela horta da missão, em seus trajes íntimos, com pequenos cortes sangrando em seu flanco esquerdo; que todos os edifícios a seu redor haviam desmoronado, à exceção da casa dos jesuítas, que tempos antes um padre chamado Gropper escorara mais de uma vez, com medo dos terremotos; que o dia escurecera; e que Murata-san, a governanta, estava perto dele, gritando sem cessar: “Shu Jesusu, awaremi tamai! Nosso Senhor Jesus, tenha piedade de nós!”.\**

(...)

---

(\*) Fragmento do capítulo “Um Clarão Silencioso”, do livro *Hiroshima*, de John Hersey. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.



## Os sertões



**Euclides da Cunha**

Em 1896, no sertão da Bahia, teve início um dos acontecimentos mais sangrentos de toda a História do Brasil: a Campanha de Canudos. Quatro expedições com soldados fortemente armados foram enviadas durante um ano contra mais de 20 mil habitantes da região dirigidos pelo beato Antônio Conselheiro e munidos apenas de paus, pedras e armas rústicas. A resistência do sertanejo assombrou o país, e a derrota de Canudos tornou-se para o Exército e para a República uma questão de honra nacional.

Até o início da guerra, as elites do litoral e do Sul ignoravam o que fosse o sertão e para compreender a revolta era necessário antes compreender o sertão. Foi essa a grande proeza do jornalista e engenheiro militar Euclides da Cunha, ao publicar seu livro *Os sertões*, em 1902. Uma obra contundente, que destruía o sonho brasileiro da República e da civilização branca europeizada, nascida de uma reportagem sobre a Guerra de Canudos para o jornal *O Estado de S. Paulo*.

Euclides da Cunha foi cobrir o evento, em 1897, como enviado de guerra.

Ele foi o primeiro escritor brasileiro a diagnosticar o subdesenvolvimento do Brasil, referindo-se à existência de dois países contraditórios: o do litoral e o do sertão. Canudos resultou do confronto entre esses dois *Brasis*, distintos entre si no espaço e no tempo, pelo atraso de séculos em que vivia mergulhada a sociedade rural.

O texto de *Os sertões*, originalmente produzido como um texto para jornal, é também um trabalho jornalístico primoroso. Embora tenha se transformado num dos marcos da literatura brasileira, encontra-se nos limites de uma grande reportagem. Diferentemente da cobertura do mesmo episódio feito por outros jornais da época, o escritor soube interrelacionar a existência do arraial de Antonio Conselheiro e a natureza do sertão da Bahia, o comportamento sertanejo e até mesmo a conjuntura internacional que poderia ser associada ao conflito. Tornou-se o relato profundo da realidade de um Brasil ignorado.

Mas, apesar do material sobre Canudos ser considerado um pioneiro das grandes reportagens, Euclides da Cunha não era um jornalista. Faltava-lhe o compromisso com a estrutura e com a vocação do órgão de informação. Deve ser visto como um precursor e não como fazendo parte de uma tendência da época.

**Texto da nomeação de Euclides da Cunha, publicado em O Estado de S. Paulo de 30 de julho de 1897\***

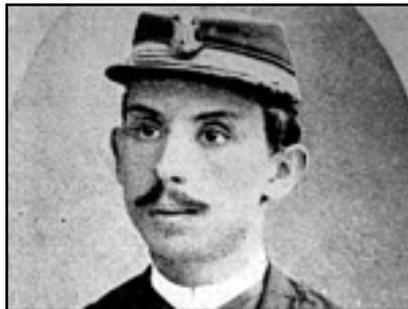
Devia ter sido ontem nomeado para o estado-maior de S. Ex<sup>a</sup> o Ministro da Guerra o engenheiro militar dr. Euclides da Cunha.

O ilustre moço, que é um dos nossos mais distintos colaboradores, partirá para o Rio no vapor em que embarcar o 1º batalhão.

Por contrato firmado com esta empresa, o dr. Euclides da Cunha nos enviará correspondências do teatro das operações e, além disso, tomará notas e fará estudos para escrever um trabalho de fôlego sobre Canudos e Antonio Conselheiro. Este trabalho será por nós publicado em volume.

O dr. Euclides da Cunha é, como todos os nossos leitores sabem, um escritor brilhante e perfeitamente versado nos assuntos que vai desenvolver.

O seu trabalho, por conseguinte, será interessante e constituirá como um valioso documento para a história nacional.



*Euclides da Cunha*

---

(\*) Fonte: Site <estadão.com.br>, edição especial do centenário da primeira edição de *Os sertões*.



*Depois de quatro longos dias de verdadeira tortura, subo pela última vez à tolda do vapor na entrada belíssima e arrebatadora da Babia.*

*Não descreverei os incidentes da viagem, vistos todos através de inconcebível mal-estar, desde o momento emocionante da partida em que Bueno de Andrade e Teixeira de Sousa – um temperamento feliz, enérgico e bom, e uma alma austera de filósofo – representaram em dois abraços todos os meus amigos de São Paulo e do Rio, até o seu termo final, nas águas desta histórica paragem.*

*Escrevo rapidamente, direi mesmo vertiginosamente, acotovelado a todo o instante por passageiros que irradiam em todas as direções sobre o tombadilho, na azáfama ruidosa da chegada, através de um coro de interjeições festivas, no qual meia dúzia de línguas se amoldam ao mesmo entusiasmo. É a admiração perene e intensa pela nossa natureza olímpica e fulgurante, prefigurando na estranha majestade a grandeza da nossa nacionalidade futura.*

*E, realmente, o quadro é surpreendedor.*

*Afeito ao aspecto imponente do litoral do Sul onde as serras altíssimas e denteadas de gnaisse recortam vivamente o espaço investindo de um modo soberano as alturas, é singular que o observador encontre aqui a mesma majestade e a mesma perspectiva sob aspectos mais brandos, as serras arredondando-se em linhas que recordam as voltas suavíssimas das volutas e afogando-se, perdendo-se no espaço, sem transições bruscas numa difusão longínqua de cores em que o verde-glaucos das matas se esvai lentamente no azul puríssimo dos céus...*

*A Ilha de Itaparica, a nossa esquerda e na frente, ridente e envolta na onda iluminada e tonificadora da manhã, desdobra-se pelo seio da Babia, revestida de vegetação opulenta e indistinta pela distância.*

*O mar tranqüilo como um lago banha, à direita, o áspero promontório sobre o qual se alevanta o farol da Barra, cingindo-o de um sendal de espumas. Em frente avulta a cidade, derramando-se, compacta, sobre imensa colina, cujos pendores abruptos reveste, cobrindo a estreita cinta do litoral e desdobrando-se, imensa, do Forte da Gamboa a Itapagipe, no fundo da enseada.*

*Vendo-a deste ponto, com as suas casas ousadamente aprumadas, arrimando-se na montanha em certos pontos, vingando-a em outros e erguendo-se a extraordinária altura, com as suas numerosas igrejas de torres esguias e altas ou amplos e pesados zimbórios, que recordam basilicas de Bizâncio – vendo-a deste ponto, sob a irradiação claríssima do nascente que sobre ela se reflete dispersando-se em cintilações ofuscantes, tem-se a mais perfeita ilusão de vasta e opulentíssima cidade.*

*O Espírito Santo cinde vagorosamente as ondas e novos quadros aparecem. O Forte do Mar – velha testemunha histórica de extraordinários feitos – surge à direita, bruscamente, das águas, imponente ainda, mas inofensivo, desartilhado quase, mal re-*



*cordando a quadra gloriosa em que rugiam nas suas canhoneiras, na repulsa do holandês, as longas colubrinas de bronze.*

*Corro os olhos pelo vapor.*

*Na proa os soldados que trazemos acumulam-se, saudando, entusiastas, os companheiros de São Paulo, vindos ontem, enchendo literalmente o Itupeva, já ancorado.*

*A um lado, alevanta-se, firmemente ligado ao reparo sólido, um sinistro companheiro de viagem — o morteiro Canet, um belo espécime da artilheria moderna. Destina-se a contraminar as minas traidoras que existem no solo de Canudos.*

*Embora sem a pólvora apropriada e levando apenas sessenta e nove projéteis (granadas de duplo efeito e shrapnels) o efeito dos seus tiros será efficacíssimo. Lança em alcance máximo útil trinta e dois quilos de ferro, a seis quilômetros de distância. Acredito, entretanto, difícilimo o seu transporte pelas veredas quase impraticáveis dos sertões. São duas toneladas de aço que só atingirão as cercanias da Meça dos jagunços através de esforços inconcebíveis.*

*Maiores milagres, porém, têm realizado o Exército nacional e a fê republicana.*

*(...)*

*Eu nunca pensei que esta noção abstrata da Pátria fosse tão ampla que, traduzindo em síntese admirável todas as nossas afeições, pudesse animar e consolar tanto aos que se afastam dos lares tranqüilos demandando a agitação das lutas e dos perigos. Compreendendo-o, agora. Em breve pisaremos o solo onde a República vai dar com segurança o último embate aos que a perturbam. Além, para as bandas do ocidente, em contraste com o dia brilhante que nos rodeia, erguem-se, agora, por uma coincidência bizarra, cúmulos pesados, como que traduzindo fisicamente uma situação social tempestuosa. Surgem, erguem-se, precisamente neste momento, do lado do sertão, pesados, lúgubres, ameaçadores...*

*Este fato ocasional e sugestivo prende a atenção de todos. E observando, como toda a gente, as grandes nuvens silenciosas que se desenrolam longínquas, os que se destinam àquelas paragens perigosas sentem com maior vigor o peso da saudade e com maior vigor a imposição austera do dever.*

*Nem uma frente se perturba, porém.*

*Que a nossa Vendéia se embuce num largo manto tenebroso de nuvens, avultando além como a sombra de uma emboscada entre os deslumbramentos do grande dia tropical que nos alenta. Rompê-lo-á, breve, a fulguração da metralha, de envolta num cintilar vivíssimo de espadas...*

*A República é imortal! \**

---

(\*) Fragmento de texto publicado em O Estado de S. Paulo, em 7 de agosto de 1897.

**GIANNI CARTA**

VELHO  
NOVO  
JORNALISMO

  
CÓDEX

# O velho novo jornalismo europeu

por *Gianni Carta\**

O novo jornalismo é uma tentativa de busca da realidade, sem deixar de lado as impressões de quem escreve. O escriba, nesse contexto, pode optar pela imparcialidade – e pode, quando julgar apropriado, opinar sobre um determinado assunto. Ou seja, escrever na primeira pessoa não é (ou não deveria ser) um ato de vaidade: é, muitas vezes, a única maneira de escrever para escapar das garras do jornalismo que não toma partido e, talvez ainda mais importante, o melhor atalho para se soltar.

O jornalismo imparcial não existe por um simples motivo: não se trata de uma ciência. O que o jornalista deve fazer é ouvir os dois lados da história. É ser honesto na hora de inseri-las no artigo – mas sempre teremos nossas preferências. Menos mal.

A bagagem necessária antes de escrever cada artigo pode, dependendo do caso, ser importante para a grande reportagem, ou perfil. Já na crônica espontânea, você não precisa se munir de informações antes de investigar. Por exemplo, em “Em Busca da Fiorentina”, fui a Panzano, um vilarejo na Toscana, Itália, para entrevistar o rei da bisteca, Dario Cecchini, sabendo muito pouco sobre ele. Contudo, antes de escrever, fiz pesquisas.

---

(\*) Gianni Carta há 14 anos exerce o cargo de correspondente internacional nos Estados Unidos e na Europa. Hoje, radicado em Londres, é correspondente da revista *Carta Capital* e *free-lancer* para a BBC e está desenvolvendo uma pesquisa sobre Garibaldi no Brasil para a Universidade de Londres. É autor do livro *Velho novo jornalismo*.

E fundamental: como manda o *new journalism*, vivi a experiência para poder escrever sobre ela.

Quanto ao texto, no *new journalism* ele tem de ser objetivo e, ao mesmo tempo, elegante, mas sem afetações. Na grande reportagem, ao contrário do artigo que só dá notícias, você precisa de uma voz, de ritmo e, claro, de uma boa história. E uma linguagem e estrutura repletas de imaginação. E de imagens.

No entanto, vale lembrar: o novo jornalismo era, na verdade, velho jornalismo quando Tom Wolfe, nos anos 60, estava certo de que fazia parte de um novo movimento literário. Truman Capote, no *The New Yorker*, quis distanciar-se. Ele se julgava um escritor de “romance de não ficção”, ou, ainda nas suas palavras, de “jornalismo narrativo”. Por sua vez, Gay Talese, em vários de seus artigos na mensal *Esquire*, parecia estar na mesma onda de Wolfe e Norman Mailer. Na verdade, era tudo a mesmíssima coisa. Antes deles, o britânico George Orwell (1903-1950) tinha escrito de maneira semelhante. Após a Primeira Guerra Mundial, Ernest Hemingway (1899-1961) havia feito o mesmo na Europa. E houve outros, no século XIX, na Europa, que escreveram como “novos jornalistas”.

Mas, claro, é positivo o fato de, na década de 60, um punhado de jornalistas-escritores ter remado contra os limites – em termos de estilo e de política – impostos pela chamada Guerra Fria. E alguns deles o fizeram com maestria. Da mesma forma, em 1988 nem todos os diários americanos seguiam a linha do terrível *USA Today*. À época, tradutor de artigos do *Wall Street Journal* para a *IstoÉ/Senhor*, aprendi que a grande reportagem é importante para um diário de negócios e finanças. É comum uma reportagem do *Wall Street Journal*, sobre a economia e a política de certo país, ter como fio condutor a situação de uma família. No artigo, ficamos sa-

bendo quanto ganham os pais, o preço da cesta básica, do transporte público etc. Jamais um repórter do famoso diário escreve na primeira pessoa, mas a influência do *novo jornalismo* no seu estilo é detectável.

Minha passagem por Paris, entre 1990 e 1994, não acrescentou muito ao meu estilo jornalístico adotado nos EUA. Os jornalistas franceses não escrevem como falam; vários deles se levam a sério. E, com raras exceções, falta-lhes senso de humor quando redigem: humor é algo que colocam numa sessão à parte dos diários e revistas. A investigação séria, aquela que cavuca até o fundo, independentemente dos tipos de laços com as fontes, é um pilar do *new journalism*.

Mas, se por um lado, o jornalismo francês é fraco – e a maioria de seus colunistas seja pedante –, a França, por outro, dá lições de vida a qualquer um. Tive encontros preciosos para a minha formação. Porém, meu estilo jornalístico evoluiu pouco naqueles quatro anos. Foi somente em Londres, a partir de 1994, que me deparei novamente com o chamado *new journalism*. Dessa vez, devo confessar, me surpreendi. O novo jornalismo britânico é superior ao americano. Os motivos que me vêm à mente são três. Primeiro: a visão que o jornalista britânico tem do mundo é mais ampla. Isso, é óbvio, deve-se à sua posição geográfica, mas também ao fato de o leitor britânico, dos chamados “diários de qualidade” (os tablóides não deveriam ser usados nem para limpar privadas), ter genuíno interesse pelo que acontece nas mais remotas ilhas africanas, ou nos confins da Ásia. Essa curiosidade começou a ser alimentada nos tempos em que Londres era a capital do império britânico e do mundo.

Segundo motivo: o jornalista inglês escreve – e é natural, levando em conta a tradição literária – com senso de humor. Aqui, ser *witty*, espirituoso, é tão fundamental quanto ter lido Baudelaire

na França. Devido a esse trajeto cultivado desde a mais tenra idade, o inglês dispensa, com profunda ironia – ou com flechadas de humor negro –, o chamado *politically correct*, tão apreciado nos EUA.

Terceiro motivo: apesar de evitar o puritanismo de seu homólogo americano, o jornalista britânico, como todo bom anglo-saxão, tem um compromisso moral com a informação. Por tabela, a investigação aqui é levada a sério. E apurada *ad nauseam* por uma simples razão: o leitor vem em primeiro lugar. O produto final, como, por exemplo, o serviço de notícias e documentários da BBC, é uma escola para qualquer um. Diários como o *The Guardian*, e seminários, como o *The Observer*, com correspondentes em todos os cantos do planeta, são um prato cheio para quem aprecia o *novo jornalismo*.

Na Europa, minhas fontes de inspiração deixaram de vir do outro lado do Atlântico. Embora Norman Mailer, Truman Capote e Tom Wolfe continuem sendo as raízes da minha trajetória, hoje meu grande prazer é ler, além dos colunistas e enviados especiais de alguns jornais britânicos, os italianos. Na Bota, diários como o *La Repubblica* ainda acreditam na grande reportagem. Textos como os de Giampaolo Pansa, Enzo Biagi e Gianni Clerici, que escreve com inigualável elegância e humor sobre tênis e publicou vários livros, não somente de esporte, são um verdadeiro deleite.

Eles escrevem como nos velhos tempos. Recheiam páginas com imagens, impressões, análises. Todos nós queremos, afinal, saber como o enviado especial enxerga quadros que, para nós, de fora, parecem bastante abstratos. Gostaríamos, por exemplo, de entender como vive uma família nos subúrbios de Moscou pós-União Soviética. Nesses dias de globalização, em que a CNN, assim como o diário *USA Today*, contam tudo em três minutos ou linhas, a grande reportagem européia é um enorme alívio.



Florença, outubro de 2001

*Panzano, um vilarejo no coração da região de Chianti, segunda-feira 8, hora do almoço. O robusto homem atrás do balcão não mostra grande entusiasmo com a chegada de um jornalista com as roupas encharcadas pela chuva torrencial. “É preciso marcar um encontro antes, sou um homem ocupado.” Dario Checchini elabora sobre sua desaprovação de aparições impromptu da mídia, e então diz: “Mas não é o caso de tomar mais chuva. Estou preparando spaghetti ai funghi, podemos conversar durante o almoço”. Um copo de Chianti é rapidamente servido por uma mulher trajando um avental branco, os cabelos envoltos por uma touca de plástico.*

*Ecoa um blues pelo salão de piso de ladrilhos brancos e paredes de mármore de Carrara, o mesmo que Michelangelo usava para suas esculturas. Num canto, uma biblioteca repleta de livros de gastronomia, música, pintura e poesia. Numa parede, a abundância de finocchione, o famoso salame fresco com erva-doce, dá impressão de uma formidável e incomum avalanche. Alguns ganchos pendem dos tetos. Em outra parede, um fax, emoldurado, enviado por Jack Nicholson. O ator escreveu que os americanos estão virando todos uns vegetarianos chatos, mas ele vai continuar comendo carne, especialmente as bistecas à fiorentina de Dario. O contêiner envidraçado, com bordas em aço, que acompanha o balcão, abriga carnes. No entanto, é o pungente odor de alho que permeia o ambiente. Esta é a Antica Macelleria Checchini, um açougue há 250 anos nas mãos da família.*

*E Dario, diz uma multidão de connaisseurs, é o melhor açougueiro do mundo. Al Pacino, Dustin Hoffman, Bono, da banda U2, Elton John, o grande chef Gualtiero Marchesi, os jogadores do Fiorentina são apenas alguns de seus admiradores. Para este açougue converge gente do mundo inteiro. Muitos só querem ter o prazer de ver Dario cortando carne enquanto recita, com seu vozeirão e grande talento teatral, Dante Alighieri, pai, toscano até as orelhas, da língua italiana. Dario é conhecido como o “Açougueiro Poeta”.*

*A sala ao lado do açougue é uma espécie de clube. Aos clientes e amigos são oferecidas quantidades generosas de Chianti. Hoje, sobre a mesa jaz uma enorme travessa de porcelana branca contendo spaghetti ai funghi, uma tigela com salada mista e uma gorda jarra de tinto. Uma senhora de traços elegantes, entre a dezena de presentes, explica: “É época de funghi. E, graças a essa mescla de chuvas esparsas e calor, os funghi, neste ano, estão excelentes”. Compenetrada, ela mergulha seu garfo novamente no prato fundo.*



*Em condições normais, conta Dario, “eu estaria agora comendo bistecca alla fiorentina”. O problema é que, de acordo com leis da União Européia, a carne com osso foi banida a 31 de abril, após um punhado de casos de vaca louca (não houve casos humanos). Dario, à época, ganhou fama mundial como o defensor da bistecca. Naquele dia 31, o açougueiro, de 46 anos, organizou o Funerale della Fiorentina, como é conhecida a bistecca servida com a costela. Um enorme pedaço de bistecca foi colocado num caixão e boa parte dos 6 mil que compareceram, segundo os jornais, vestiu-se em negro. Houve banda, flores em abundância. Dario, claro, recitou Dante. E fez mais: organizou um leilão beneficente, no qual as últimas 200 bistecas foram vendidas. Sir Elton John pagou US\$ 4.500 por uma delas. As pessoas, conta Dario, queriam, ao contrário da lógica de qualquer leilão, desembolsar o máximo possível. Por rebeldia, e por caridade. As 100 milhões de libras arrecadadas foram entregues ao Hospital Meyer, que cuida de crianças. E, como sempre, o Animal Liberal Front, baseado em Londres, mandou cartas ameaçando Dario.*

*A florentina, alega Dario, é um rito toscano. “O que diz a raposa ao Pequeno Príncipe? Que na vida é preciso de ritos. O rito é aquilo que diversifica um dia do outro, uma hora da outra.” Ele pára de falar, saboreia o spaghetti ai funghi... e continua: “Sem ritos, não temos amigos. Sem carne, e leve em conta que como carne três vezes ao dia, não vivo. Minha alma se entristece, a poesia não sai. Precisamos, aqui na Toscana, de bistecca, de preferência o mais crua possível. Somos (e agora ele abre um sorriso) um bando de canibais”. Os presentes, incluindo a mulher com touca de plástico, continuam mais interessados em seus pratos de espagete com funghi.*

*Dario levanta, tira uma chave do bolso, e abre as portas de um armário repleto de livros antigos. À direita, na parede, um pôster com fotos daquilo que sobrou das torres gêmeas do World Trade Center. Lê-se abaixo: “Barbárie”. Dario volta com um livro, a primeira tradução para o “americano”, salienta ele, de Dante. É de 1867. Em seguida, mostra uma lápide, em mármore, colocada na fachada do restaurante, na qual está escrito: “Considerada inválida, preferiu a morte. Em memória da fiorentina, morta prematuramente em 31 de março de 2001”. Resume Dario: “Nós somos o povo no mundo que melhor sabe rir de coisas sérias”.*

*No seu Audi prata A6, dirigindo para Florença, onde o dentista o aguarda, Dario argumenta que a proibição da carne com osso não foi justa. É, emenda, um processo sem provas, como aqueles de Dario Fo, na Itália, e Sacco e Vanzetti, nos EUA. Além disso, ele, açougueiro com formação de veterinário, sabe distinguir a carne vinda da vaca saudável daquela doente. A raiz do problema, continua,*



foram as procriações e a alimentação de vacas através de métodos impuros. A carne vendida ou preparada por Dario – seja ela o fígado, que ele aconselha esparramar sobre crostini, o porco marinado com azeite de oliva extravirgem, terrines de aves, língua, salsicha (excelentes com feijões brancos) e salames e presuntos toscanos – é orgânica.

Qual é a melhor carne? “Aquele onde o gado é procriado e alimentado de forma correta”, retruca. “A picanha brasileira é ótima.” Os argentinos franceses também têm boas carnes. Mas, acrescenta Dario, agora em toscano, “la mejo carne xé quea arente all’osso”, a melhor carne é aquela que adere ao osso. Não come peixe? “Só como carne, três vezes ao dia, e sempre com vinho tinto.” Ele sorri. “Sou um velho toscano.” Dario tira a Divina Comédia do porta-luvas. “É por isso que memorizo Dante o tempo todo. Precisamos de raízes. E, neste momento de guerra, temos de refletir. É hora de acabar com a miséria, com os lobbies internacionais. Modernidade sim, claro, mas temos de pensar em que tipo de modernidade – e nunca nos esquecermos que certos prazeres têm de ser mantidos.” Ele indaga: “A pasta ai funghi estava boa, não?”

Florença, Trattoria Sostanza, detto Troia, 21b. Os afáveis cozinheiros Mario e Giacomo explicam os segredos da florentina. Ela tem de ter pelo menos 3 centímetros de altura, e pesar mais de 2 quilos. A carne, cortada com a costela grudada, vem de um tipo de vaca chamada Chianina, a qual tem de ter mais de dois anos. Ela é cozinhada em um grande fogo de carvão de leccio (árvore italiana), de um lado e outro, até que os ferros da grelha tenham deixado sua sombra. Em seguida, é borrifada pelo azeite, sal e pimenta. Mario, neste momento, está cozinhando uma bisteca. “Nós nunca deixamos de fazê-la, muito menos nesse período, no qual a florentina é teoricamente proibida.” O Troia abriu suas portas no início do século passado. A tradição da florentina continua.

---

(\*) Este texto foi publicado na revista *Carta Capital*.

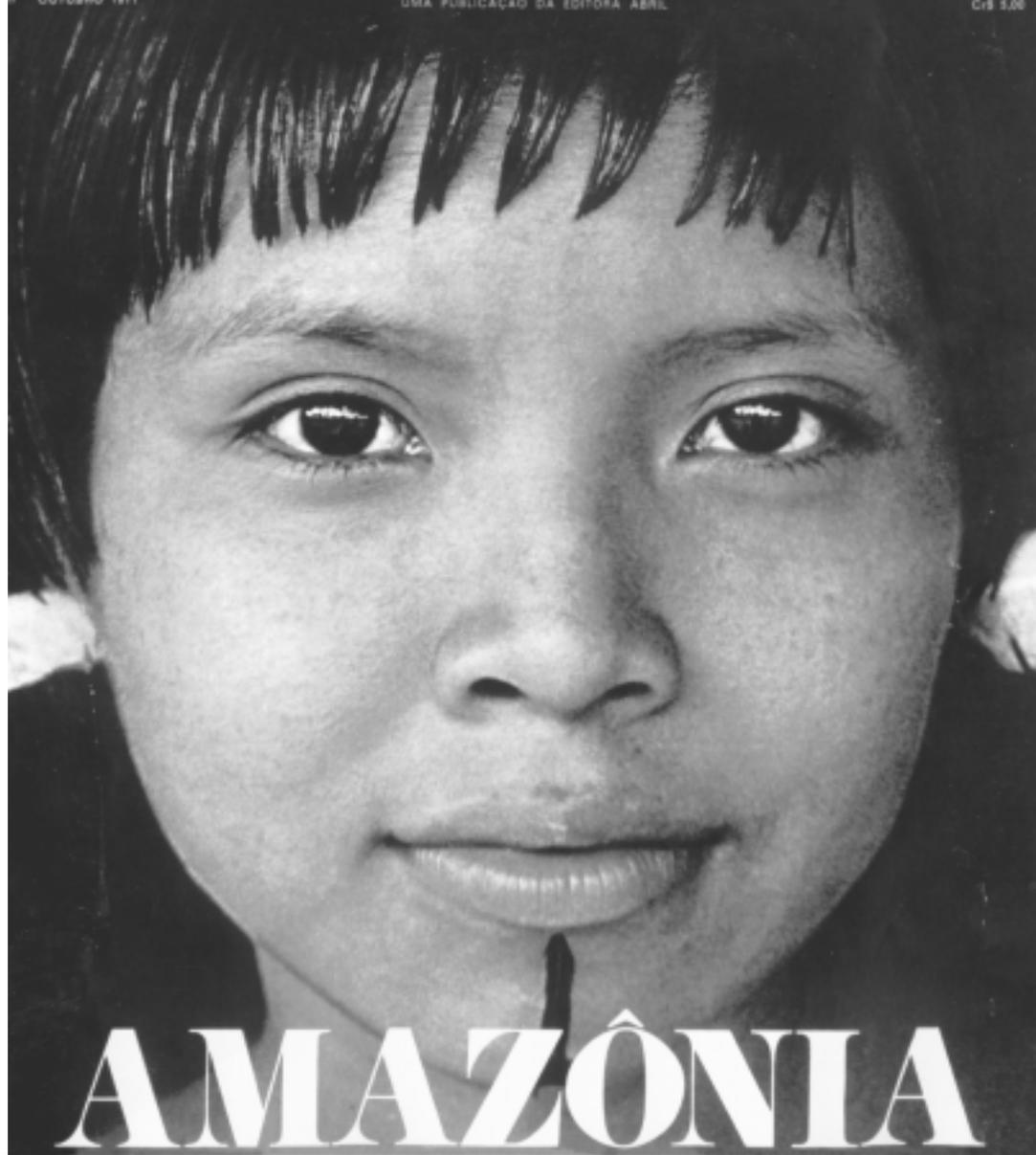
REVISTA PARA FOTÓGRAFOS - CIRC. 120000

# REALIDADE

OUTUBRO 1971

UMA PUBLICAÇÃO DA EDITORA ABRIL

C/R\$ 3,00



# AMAZÔNIA

## A geração Realidade

A reportagem ampliou seu espaço investigativo na imprensa brasileira quando a revista *O Cruzeiro*, surgida em 1928, aumentou e diversificou seu quadro de profissionais nos anos 40, passando por uma sensível mudança gráfica e de conteúdo, liderada pelo fotógrafo Jean Manzon e pelo repórter David Nasser. Nesse período, a redação da revista reuniu um time de escritores que marcou a imprensa brasileira da época: Millôr Fernandes, Nelson Rodrigues, Lúcio Cardoso, Rachel de Queiroz, Alex Viany, Franklin de Oliveira, Joel Silveira, Gilberto Freyre e José Lins do Rego. Uma redação que só se comparava à da revista *Diretrizes*, editada nessa época por Samuel Weiner. As duas disputavam não apenas o público, mas também os melhores profissionais do Rio de Janeiro.

*Diretrizes* surgiu em 1938, em plena implantação do Estado Novo, determinada a abrigar nomes da intelectualidade que resistiam ao presidente Getúlio Vargas. Teve matérias de grande repercussão entre os leitores, como a antológica “Grã-Finos em São Paulo”, de Joel Silveira, sobre a elite paulistana. A matéria foi resultado da observação direta do repórter, das impressões obtidas no contato pessoal com as fontes, de entrevistas e descrições detalhadas dos ambientes.

Jornais cariocas como *O Jornal*, *Diário Carioca*, *Correio da Manhã* e *O Globo* também costumavam publicar reportagens de cunho investigativo. Mas foi a revista *Realidade*, em São Paulo, a primeira a apresentar as características realmente literárias do *new journalism*.

*Realidade* foi lançada em 1966, pela Editora Abril. Por sua natureza e concepção, esteve na origem da imprensa que nos anos 60 foi a

portadora de um estilo de resistência à ditadura militar. Mas apresentava também um jornalismo com ambições estéticas, inspirado no *new journalism* americano, baseado na vivência direta do jornalista. Funcionava com uma redação que gozava de grande autonomia na orientação de cada número. O grupo todo tinha a mesma posição editorial, as reuniões primavam por seu espírito democrático e pela preocupação política.

*Realidade* herdou profissionais de outros projetos jornalísticos revolucionários como a revista *Senhor* que, além do padrão gráfico superior, apresentava originais de escritores nacionais e elementos da contracultura americana e européia.

A revista *Realidade* foi também o resultado da intensa atividade cultural vivida pelo país no período pós-64. A Editora Abril já havia entrado no mercado de revistas especializadas, mas o campo das publicações de informação geral estava praticamente dominado pelas cariocas *O Cruzeiro* e *Manchete*. A primeira, dos Diários Associados de Assis Chateaubriand, depois de muito sucesso esgotara sua fórmula e não se reciclara. *Manchete*, por sua vez, era uma publicação que dava muito mais ênfase aos recursos ilustrativos do que ao texto.

O núcleo de jornalistas que forneceu um dos eixos de profissionais que alimentaram o projeto de *Realidade*, no entanto, estava em São Paulo. Foi no jornal *Grêmio Informa*, do grêmio da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo – que substituiu o *Amanhã* no início de 1968 –, que Paulo Patarra, então editor de *Realidade*, trouxe Raimundo Pereira para o seu projeto.

*Realidade*, com tiragem mensal, permitia ao repórter se esmerar no texto, confundir sua experiência pessoal como o tema retratado,

aventurar-se em uma experimentação estética e sensorial. Tinha uma expressão literária própria, se bem que ajustada ao relato do real. A imagem fotográfica não era um mero acessório do texto, como em *O Cruzeiro* e *Manchete*, mas sua expressão visual. E o padrão do texto e o nível de profundidade atingido por suas matérias nem podia ser comparado aos das concorrentes.

Na *Realidade* o repórter tinha que se colocar como um pesquisador; nenhum detalhe, nenhuma personagem, nenhuma causa e efeito, nada podia faltar. Texto igual só no *new journalism* americano.

(...)

A julgar pelos estudos já realizados com *Realidade*, ainda que não tenha sido esse seu objetivo, a redação da revista (...) constituía-se num ente institucionalizado autônomo, que se legitimava como orgânico em face da relação estreita que guardava com o *social*. A abrangência da postura militante de seus repórteres foi, dessa forma, mais ampla que o imaginário programático dos grupos políticos existentes no período estudado, e aos quais esses profissionais eventualmente pertenciam.<sup>1</sup>

O número experimental de *Realidade* surgiu em novembro de 1965, com apenas 5 mil exemplares. Seu projeto original resumia-se na frase de Victor Civita no dia da inauguração: “A revista dos homens e das mulheres inteligentes que querem saber mais a respeito de tudo”. Antes que fosse definitivamente para as bancas, uma pesquisa encomendada pela Editora Abril ao Instituto de Estudos Sociais e Econômicos, com base no número 0 distribuído a leitores potenciais, definiu o público que a revista vinha atender: 85% de leitores entre 18 e 44 anos; 73% com escolaridade equivalente ou acima do 2º grau; 59% situados entre as classes A e B. Os dados mostravam que *Realidade* vinha preencher um vazio na área das revistas de informação não atualizada.

Segundo o instituto de pesquisa, o interesse maior era por matérias sobre ciência e progresso, grandes problemas brasileiros e assuntos relativos a sexo e educação sexual. O artigo mais apreciado neste número 0 foi, com larga vantagem, “A Vida Antes de Nascer” (70%). Na comparação com outras revistas, a maioria dos entrevistados considerou-a melhor ou muito melhor que as demais, e 65% mostrou-se interessada em fazer dela um hábito de leitura.

Quais as fontes dessa experiência jornalística? Uma delas foi certamente a conjuntura político-cultural do período do surgimento da revista e de seus três primeiros anos de existência. Outra dessas fontes é a que diz respeito ao código discursivo inovador de que os profissionais da revista lançaram mão para produzir suas matérias, tenha ou não esse código sido influenciado pelo *new journalism*, isto é, as indicações aparentemente *técnicas* de elaboração da reportagem procedentes do jornalismo norte-americano.<sup>2</sup>

Na reportagem, a visão pessoal do repórter era valorizada ao máximo. O texto mais literário era incentivado. Para os profissionais, tornou-se um sinal de prestígio fazer parte da redação de *Realidade*.

No quarto ou quinto número, *Realidade* já era o sonho de todo jornalista brasileiro. Cada exemplar era “estudado” nas redações e despertava vontade de fazer jornalismo em pessoas que até então consideravam isso de escrever uma ocupação menor. Veio a notícia que, em Portugal, a revista tinha sido adotada em classe como “livro de texto de português”. A forma como *Realidade* tratava os assuntos-tabu (principalmente sexo, vida de operário, de estudante e de padre) ia moldando um estado de espírito que Millôr Fernandes definiria, no Rio, como “a geração *Realidade*.”<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Faro, J.S. Revista *Realidade*, 1966-1968. *Tempo da reportagem na imprensa brasileira*. Porto Alegre: Ulbra/Age, 1999.

<sup>2</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>3</sup> Ribeiro, José Hamilton. Depoimento dado ao jornal *Unidade*, ano I, número 8. Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, março de 1976.



**REALIDADE**

PERDIDA: O QUE  
ELAS PENSAM  
E OUVEM

COMISSÃO  
DE BOM  
MUCH LOVE

CIÊNCIA:  
O CORPO  
FEMININO

EU ME ANTIPO  
DE CETO  
MAG TOLTECA

POR QUE  
A MULHER  
É SUPERIOR

ACRÉDITO A  
UM POUCO  
DEU O LOM

Edição Especial  
**A MULHER  
BRASILEIRA,  
HOJE**

Se vou entrar no carro, dão risada; se vou comer um sanduíche, olham-me com espanto; se vou subir numa balança, ficam horrorizados; Neste mundo de magros, tudo o que eu faço vira piada. O único que não acha graça sou eu.

**SOU GORDO MAS SOU FELIZ**

O número de *Realidade* sobre a mulher brasileira, em 1967, foi censurado e teve parte da edição apreendida.

Com texto de Jô Soares e fotos de Zé Pinto, as agruras de um gordo na edição de julho de 1968.

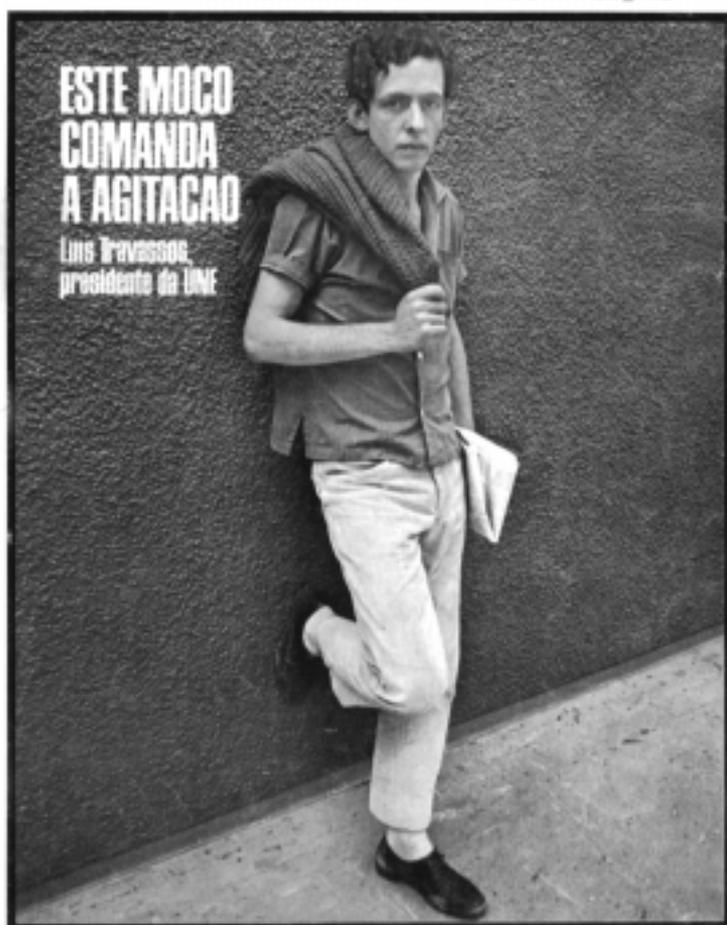
# REALIDADE

JULHO 1968

UMA PUBLICAÇÃO DA EDITORA ABRIL

NC# 1,50

**OSÉ NAO SABE: ZEBINI IA TIRAR O SEU CORAÇÃO  
DRAMÁTICO: O INFERNO DA PROSTITUIÇÃO**



**ESTE MOÇO  
COMANDA  
A AGITAÇÃO**

Lino Grevasco,  
presidente da UNE

**RESPONDA: VOCÊ É A FAVOR DA EDUCAÇÃO SEXUAL?**

## E surge uma nova revista

por *Roberto Civita\**

Em 1965, vimos que estava chegando a hora de os grandes jornais terem um suplemento dominical. Conversamos com o Alberto Dines (redator-chefe do Jornal Brasil) sobre a idéia de uma revista que sairia nos principais jornais. Ele gostou da idéia e disse que iria falar com o Mesquita (Julio Mesquita Neto, do jornal Estado de S. Paulo) e o Frias (Octavio Frias de Oliveira, da Folha de S. Paulo). Preparei uma boneca (modelo gráfico da revista) e cheguei a fazer os convites para a inauguração. Mas, quatro semanas antes dessa data, a *Folha* mudou de idéia.

Fiquei arrasado. Fui falar com o VC (Victor Civita, pai de Roberto Civita): “Já estou com a redação e o comercial montado. Que faço agora?” “Faz uma revista”, ele respondeu. “Uma grande revista mensal”. E assim surgiu *Realidade*.

Era um privilégio dirigir um grupo daqueles, uma constelação de talentos, montada sem pensar, que apenas se juntaram em torno desse projeto, nomes que depois se tornaram lendas do jornalismo brasileiro, como Paulo Patarra, José Hamilton Ribeiro, José Carlos Marão, Narciso Kalili, Luís Fernando Mercadante e tantos outros

Era uma época de grande entusiasmo. O Brasil se preparava para um enorme crescimento. Ainda não havia a censura.

Eu havia chegado do exterior oito anos antes. *Realidade* era o reflexo das coisas que eu achava que deviam mudar. “Por que não se muda?”, pensava. “Não é possível o Brasil estar tão atrasado em relação aos outros países. Temos de questionar essas coisas que não fazem mais sentido em pleno século XX.”

---

(\*) Presidente e editor da Editora Abril.

Uma grande revista reflete as ansiedades, as angústias, os interesses de quem a faz. E a pauta da revista mostrava isso. Todas as preocupações dos jovens recrutados para essa aventura influenciava a pauta, mas não apenas isso.

Havia, por exemplo, uma postura mais liberal em relação ao sexo do que a do Brasil daquela época que era de uma hipocrisia enorme. A edição nº 10, de janeiro de 1967, foi apreendida a pedido do cardeal ao governador e este ao juiz. O mais chocante foi considerada a foto de um parto, com o bebê nascendo à luz de velas. Mas era uma foto linda, feita pela Cláudia Andujar. Era uma edição dedicada à nova mulher e havia matérias como “Sou Mãe Solteira e me Orgulho disso” e uma pesquisa com mil mulheres de norte a sul do país que mostrava que 30 a 40 por cento das entrevistadas tinham feito aborto. Foi acusado de ser um libelo contra a honra da mulher brasileira. O papel de *Realidade* era dizer as coisas que não eram ditas, fazer as perguntas que não eram feitas. Os jovens se entusiasmaram com a revista e se tornaram o nosso grande público – adolescentes, universitários e jovens adultos. *Realidade* marcou todos aqueles que a leram.

*Realidade* não teve um modelo, não se inspirou em nenhuma outra revista. Não havia nenhuma outra parecida no mundo, nem nunca teve. Ela foi a primeira e única. Fomos influenciados, sim, pelas entrevistas de Oriana Fallaci e pelos ensaios fotográficos da *Life*, a história contada pelas fotos. Lembro-me que o Assis Chateaubriand disse num editorial em todos os jornais dos Diários Associados que a revista era boa demais para ser feita aqui. Que era o início de uma invasão ianque.

A circulação da revista era de meio milhão de exemplares vendidos em banca. Tivemos três edições esgotadas. Acertamos sem nenhum estudo de mercado.

E quais as causas do fim de *Realidade*? Costumo dizer que foram cinco. A resposta mais fácil é a censura. Mas a resposta mais verda-

deira é que o número de “moinhos” contra o qual investíamos estava diminuindo, além da aceleração das notícias e a imitação do nosso modelo por outros veículos. A censura atrapalhou muito, mas, pior do que isso, foi a auto-censura que nos impusemos a partir da apreensão do nº 10.

A TV e a aceleração das notícias, a aceleração de tudo, fez com que a revista mensal aos poucos, ou rapidamente, perdesse a possibilidade de cobrir os fatos no prazo que o público desejava. Nossas reportagens eram feitas com um, dois, três meses de antecedência. A periodicidade mensal não casa bem com o mundo em que vivemos. Aí as semanais, os diários e a TV começaram a roubar a nossa fração. Esta causa talvez seja a mais importante.

Finalmente, o surgimento de *Veja* em 1968. Nós começamos a trabalhar nela em 1967. Depois de um ano e meio na direção de *Realidade*, entreguei a revista para a redação e fui cuidar da editora, dos fascículos que estavam explodindo e de novas revistas. Vi que precisávamos de uma revista semanal de informação. Reconheço que, como uma mãe grávida, tirei minha atenção do primogênito e comecei a gestação do segundo bebê. A presença do editor faz diferença, embora não queira exagerar o meu papel. Mas esta não foi a mais importante das causas.

O objetivo naquele momento era despersonalizar. As fontes de *Veja* eram múltiplas e isso é muito diferente de quando o repórter está apurando a matéria sozinho, como no caso de *Realidade*. A semanal não tem esse tempo. Ninguém também tem mais tempo para dedicar três horas à leitura de uma revista mensal.

A nossa função mudou. Às vezes, podemos contar histórias longas, quando vemos que é uma história da qual o público quer detalhes. Mas, normalmente, eu diria que os leitores querem muita informação em pouco tempo.

A interpretação e a análise realmente não cabem em três parágrafos, mas o número de pessoas que quer saber mais é muito pe-

queno e pulverizado. O resultado é que os grandes veículos cobrem um enorme número de assuntos e cabe aos veículos segmentados se aprofundar neles.

Editor de revista deve se ajoelhar e agradecer todos os dias a existência da televisão, porque ela levanta a lebre e cabe a nós explicar. Aí vêm as semanais e depois as mensais segmentadas.

Mas a reportagem de uma pessoa só, individual, em profundidade, com o sabor e a presença do repórter, faz falta no jornalista despersonalizado. Tanto que há uma tendência mundial de uma volta dessa personalização nas matérias assinadas. Isso porque o pessoal está na televisão e o leitor também quer se identificar, quer sentir que esteve lá através do repórter. A diferença entre se colocar um microfone na cara do entrevistado e filtrar a entrevista pessoalmente é enorme.

Para mim, o que sobra da experiência de *Realidade* é a importância do repórter e do fotógrafo, do olho da sensibilidade, de pessoas inteligentes e sensíveis sintonizadas com o seu momento. Em Segundo lugar, a necessidade de estar ligado nas coisas que realmente interessam às pessoas. Temos que dar 90 por cento do que os leitores querem, mas acrescentar coisas que não sabem que querem e às vezes nem querem.

Em diversos depoimentos, pais discutem o celibato religioso na revista *Realidade*.



“*Um jornalista precisa gostar de contar histórias.*”

Roberto Civita



Cobrir a Guerra do Vietnã para *Realidade*, em março de 1968, o repórter José Hamilton Ribeiro teve a perna estilhaçada por uma mina. A reportagem foi escrita ainda no hospital.



## O new journalism e a experiência da revista *Realidade*

por *J. S. Faro\**

Lançada em meados de 1966 pela Editora Abril, *Realidade* era uma revista mensal de interesse geral, com 12 ou 13 reportagens em cada número, todas muito bem produzidas em termos gráficos, papel de ótima qualidade e com um corpo de profissionais altamente qualificado. Desde seu lançamento, a julgar pelo sucesso de vendas nas bancas, a revista criou com o público leitor, especialmente aquele público formado pelas classes médias urbanas, uma forte identidade, especialmente em razão dos temas que abordava em suas pautas e que correspondiam, quase todos, às preocupações e às mudanças de valores que esse segmento da sociedade brasileira vivia então. Matérias sobre liberação feminina, comportamento sexual, movimento estudantil, participação política, desenvolvimento científico, homossexualismo, mudança nos padrões conservadores da Igreja Católica, revoluções em outros países, tudo isso compunha o referencial do público leitor e cuja discussão a revista alimentava em cada número que ia para as bancas. A Editora Abril mostrou ter um projeto editorial empático e os jornalistas que o desenvolveram foram capazes de perceber o sentimento da época, transpondo para as páginas da revista todo o nervosismo, a palpitação e as inquietações daquele tempo.

---

(\*) Professor dos cursos de Jornalismo da PUC-SP e da Umesp. Autor do livro *Revista Realidade, 1966-1968. Tempo da reportagem na imprensa brasileira*. Porto Alegre/Canoas: Aeg/Ulbra, 1999.

Enquanto a conjuntura política brasileira permitiu e enquanto os militares hesitavam entre a manutenção das liberdades democráticas e o fechamento do regime, *Realidade* ocupou o espaço que as outras revistas e os outros jornais (com exceção do *Jornal da Tarde*, também surgido em meados dos anos 60 e com feitio editorial semelhante ao da revista da Abril) haviam deixado em aberto.

Muitos estudiosos põem em dúvida se esses seriam os únicos fatores que explicam o sucesso da revista. É uma dúvida razoável, embora não se possa ignorar que os órgãos da imprensa são fruto de sua época, quer dizer, nascem, vivem e desaparecem ao sabor das características de seu tempo, o que determina que a experiência da revista *Realidade* é irrepetível. Mas há uma causa não suficientemente explicada para o êxito da publicação: a fórmula narrativa pessoal que os repórteres da revista introduziam, à semelhança do *new journalism*, nas matérias de cada número. Quando se lê algum exemplar de *Realidade*, especialmente nas edições de 1966 a 1968, o que se percebe é uma presença muito forte da perspectiva pessoal do jornalista na narração do fato noticioso. Cada reportagem é uma história recriada a partir de impressões, de pontos de vista, da descrição de comportamentos, de estados psicológicos, de composições ambientais e de painéis de sensações para os quais o jornalista se utilizava de uma narrativa que fica a meio caminho entre a narrativa ficcional e a narrativa jornalística. O uso da primeira pessoa ora é dominante, ora é acessório, intercala-se com o ponto de vista do personagem que é narrado e mistura-se com o uso dos verbos da terceira pessoa. O resultado é um permanente estado de excitação do texto que conduz o leitor como se ele estivesse lendo uma novela, um conto curto. Muito

parecido com o novo jornalismo norte-americano.

É difícil afirmar que os repórteres de *Realidade* estivessem de tal forma influenciados pelos padrões do *new journalism*, embora muitos deles, pela vivência intelectual que sua competência profissional exigia, fossem conhecedores das experiências que se desenvolviam nos Estados Unidos. Mas não é difícil supor que a busca de uma linguagem inovadora para o texto jornalístico era motivada pela diversidade de processos que o repórter observava, tal como foi dito no início deste artigo: o estado de tensão existente entre a apuração e o relato da apuração. Ou, em outras palavras: a complexidade do mundo exigindo o rompimento com os padrões tradicionais da narrativa jornalística, e isso os profissionais da revista souberam fazer com maestria.

Um jornalismo produzido assim é um jornalismo que incomoda. Incomoda e atípa o leitor porque o retira do padrão informativo com o qual ele está habituado, mas, em razão das características da época, talvez fosse isso mesmo o que o leitor quisesse. Incomoda e atípa os tais “poderes constituídos”, na imprensa e fora dela, porque um jornalismo feito dessa maneira revela fatos, concepções, comportamentos que esses poderes preferem ver camuflados nos códigos da pretensa objetividade dos jornais e revistas de todas as épocas. São dois incômodos que formam um paradoxo: para que o primeiro seja conseguido – na verdade, a razão de ser do projeto editorial da revista *Realidade* –, o segundo não pode pretender se impor. Dito de outra forma: uma narrativa reveladora do mundo com a plenitude do compromisso social do jornalista só pode existir num clima de plena e absoluta liberdade de imprensa. E era justamente essa a ameaça que a revista sofria.

Quando, em dezembro de 1968, o estado autoritário brasileiro ganha o acabamento do Ato Institucional nº 5, que instituiu a censura prévia na imprensa, a revista *Realidade* perdeu uma das condições fundamentais para que continuasse existindo na forma de suas intenções originais. A Editora Abril continuou produzindo a publicação (a revista iria durar até 1976), mas o clima de insegurança e de medo que se instalou na sociedade brasileira mostrava que o projeto de uma narrativa jornalística investigadora e criadora não teria condições de ser mantido. Com isso, a revista foi gradativamente murchando, embora essa não seja a única causa de seu desaparecimento.



*Realidade* mostra a volta dos brasileiros que participavam da intervenção da OEA na República Dominicana, em 1966.

A revista *Realidade* foi uma das melhores experiências do jornalismo brasileiro e só foi isso porque conseguiu guardar com o seu público leitor uma identidade de sentidos que os códigos narrativos de seus textos estimulavam, à semelhança do que aconteceu com a imprensa norte-americana, com a geração que participou do movimento do novo jornalismo. As duas coisas devem ser permanentemente saboreadas para que se tenha idéia da riqueza de propostas que tirar a imprensa pode abrigar.



A combinação original dos títulos com as fotos de Lew Parrella causa impacto na matéria de Roberto Freire.

# SÓS, COM DEUS

Eles vivem perto de Claraval, povoado mineiro de mil habitantes, num mosteiro de quarenta quartos e corredores sombrios. Cuidam da pequena horta, educam dezesseis seminaristas e fabricam um licor de duzentos anos. Passam a maior parte do dia meditando e, quando anoitece, os sete monges de Claraval se recolhem às celas. Então ficam sôzinhos no "grande silêncio", eles e suas orações.

Texto de Rodolfo Konder  
Fotos de Chico Araújo



# Sós, com Deus

por *Rodolfo Konder\**

Visitei, anos atrás, para realizar uma reportagem para a revista *Realidade*, uma abadia. Ela ficava na extremidade de um vale, no topo de uma colina e tinha 40 quartos (celas) e dez enormes salas sombrias. Ali, os sete monges italianos cuidavam de uma pequena horta, rezavam missa para os 900 habitantes de Claraval e fabricavam um licor de mais de 200 anos. Durante a maior parte do dia, meditavam. À noite, viravam vultos silenciosos e desapareciam.

Rezar e meditar era o que os monges mais faziam, porque pertenciam a uma velha ordem contemplativa – a Ordem de Cister. Chegaram da Itália em abril de 1950, quando o lugar ainda se chamava Garimpo das Canoas. Um ano depois, colocaram a pedra fundamental e iniciaram a construção da abadia.

Durante uma semana, acompanhei o trabalho daqueles homens solitários, no interior da abadia. Dormia numa cela, comia sua comida frugal, observava seus hábitos, trocava idéias com eles. Voltei a São Paulo com a sensação de que conhecera sete exemplares de mais uma espécie em extinção. Isso aconteceu em 1970. O fotógrafo Chico Aragão me deu apoio naquela estranha aventura. O título que dei, “Os Monges da Solidão”, foi trocado pelo copidesque para “Sós, com Deus”. Acho meu título bem melhor.

---

(\*) Rodolfo Konder é jornalista, escritor, diretor do MASP (Museu de Arte de São Paulo), diretor cultural das Faculdades Metropolitanas Unidas e foi secretário municipal de Cultura de São Paulo de 1993 a 2000.



*Ainda está escuro quando os monges se levantam, às 5 horas da madrugada. Dez minutos depois, saem das celas, vestidos de batina branca, com uma espécie de avental negro – o escapulário –, sapatos e meias pretos. Cabeça baixa, em silêncio, atravessam enormes corredores sombrios e desertos. Encontram-se no claustro, mas não se cumprimentam: só podem falar depois das 7 horas.*

*Um deles acende as luzes atrás do altar principal; na igreja, todos tomam os seus lugares e começam a rezar em voz alta: primeiro de pé, depois ajoelhados. Logo, o som de um canto gregoriano se prolonga no templo.*

*Aos poucos, os vitrais vão clareando. Amanhece: os galos acordam o vale do Rio das Canoas. Às 6h15min, um dos monges toca o sino e abre a porta principal da igreja. As luzes se apagam, os monges se retiram.*

*Assim começa o dia no mosteiro da Ordem Cisterciense, em Claraval, sul de Minas Gerais, um mundo estranho, onde sete monges vivem em total recolhimento, numa abadia – prédio de três andares, com dez salas, quarenta quartos e corredores vazios e empoeirados.*

### **O mosteiro**

*Quando descemos uma ladeira íngreme, surge á nossa frente um enorme anfiteatro – o vale –, onde uma construção fantástica – o mosteiro – quebra as linhas da paisagem tranqüila. Acima e além de um pequeno povoado – menos de mil habitantes –, a Abadia do Espírito Santo é uma presença deslocada, surrealista. Aproximamo-nos fascinados pelo seu mistério.*

*Subimos o morro, depois uma escadaria coberta de grama, e entramos no mosteiro. As enormes portas de madeira estão abertas, mas não encontramos ninguém. Atravessamos alguns salões, na penumbra silenciosa de um fim de tarde. Nos fundos da Abadia, ao passarmos por uma área em construção, quase esbarramos num homem idoso cabeça branca, olhos pequenos e vivos, nariz adunco. Ele nos estende a mão esquerda: a direita é artificial. É o próprio abade.*

*Depois de nos levar ao seu escritório ele chama o padre Carmelo Recchia – reitor do seminário –, e conversamos durante uma hora. A princípio eles estão desconfiados, mas acabam nos recebendo: o abade manda arrumar duas celas para nós, e o padre Carmelo nos leva até a porta dos aposentos, no segundo andar. Recomenda-nos então que não nos atrasemos para o jantar, às 7 horas.*

*A cela é pequena, o teto alto, a mobília simples: cama, mesa, cadeira, um pequeno armário, uma pia. Não há espelho. Da janela, vemos o povoado de Claraval, lá embaixo, no vale.*



*Os monges chegaram da Itália em 2 de abril de 1950. O lugar ainda se chamava Garimpo das Canoas, por conta de antigos garimpos diamantíferos. Colocaram a pedra fundamental um ano depois e mobilizaram toda a população para a construção do mosteiro: às vezes, faziam mutirões com mais de cinquenta pessoas. Toda a construção foi empreendida com dinheiro doado pelos habitantes das redondezas.*

*Na parte de baixo do mosteiro – uma espécie de porão – estão a cozinha, a despensa e dois refeitórios. No andar térreo, duas amplas salas de aula, três salões vazios, uma área ainda em construção e a igreja. No centro da abadia, abre-se um pátio, cercado por extensa varanda com colunas: o claustro.*

*A igreja é muito grande: sua torre tem mais de 30 metros de altura. Dentro mede cerca de 15 metros, do chão ao teto. Duas fileiras com mais de vinte bancos de madeira escura se estendem entre colunas, arcos e vitrais. O piso é de azulejos vermelhos. No altar-mor, há uma imagem de Cristo; no altar lateral, uma de Virgem Maria.*

*O mosteiro foi construído de tal maneira que funciona como uma grande câmara de eco. De minha cela, ouço nitidamente as vozes dos monges, que rezam atrás do altar-mor, na igreja. A noite vem chegando, mas não há luzes acesas na abadia: só as da cozinha, onde o jantar está sendo preparado. O cheiro da comida chega até a minha janela, mas não tenho fome: estou acostumado a jantar bem mais tarde.*

*Estranho o banho de chuveiro – só há água fria – e a falta de barulho. Agora, ouço apenas os grilos.*

*Ao descermos para o refeitório, somos apresentados aos outros padres: Gabriel Panetta, homem de sessenta anos, alto, careca, olhar enérgico; Felipe Montini, introspectivo, baixo, rosto redondo; Victor Mailli, gordo, queixo forte, óculos de lentes grossas; e Silvério Vecchiarelli, jovem cabelos de franja, voz suave. Depois, jantamos em silêncio: sopa de massas, arroz, feijão, uma sardinha frita, vagem, pão e água. Sem sobremesa. A comida do abade é simples, mas vem separada: está obrigado a uma dieta médica.*

*Ao levantarmos, o abade agradece a Deus pela comida. Então, acompanhamos os monges até a igreja. O Padre Carmelo se aproxima de nós:*

*– Os senhores nos perdoem as desconfianças de hoje à tarde, mas o delegado já nos advertiu de que não devemos receber qualquer pessoa sem autorização policial. Recentemente, um homem que se hospedou aqui como professor de filosofia era um mau elemento. E nos criou problemas.*

*O abade também se aproxima:*



– *Quero pedir-lhes desculpas pela comida. Sei que os senhores estão acostumados a cose migliori, mas a cozinha é nova, as instalações não estão completamente terminadas.*

*Observo que eles ainda falam com algum sotaque, e o padre Felipe confirma:*

– *È vero: parliamo tutti con un pò di accento.*

*Neste momento, chega o Irmão José, um homem de quase cinquenta anos, rosto largo, sobranceiras espessas. É o único irmão leigo na abadia: não tem os mesmos poderes de um sacerdote.*

*Os monges atravessam o claustro e entram na igreja. Fazem uma leitura em voz alta, rezam durante mais de quinze minutos e se retiram para suas celas. A partir das 8h30min, eles fazem um exame diário de consciência. Das nove em diante, começa o magnus silentium – o grande silêncio.*

*O que acontece então é algo inimaginável para um leigo: nada se mexe; tenho a impressão de que até os grilos deixaram de fazer barulho. Procuro ficar imóvel na cama. O silêncio é denso, esmagador. Primeiro, assusta; depois, a gente vai-se acostumando; por fim, uma profunda tranqüilidade nos contagia.*

*Pela madrugada, acordo com um ruído estranho. Levanto com muita cautela, para não perturbar a calma do mosteiro, e abro a janela devagar. É o vento que assobia, atravessando o vale.*

*Ao voltar para a cama, ouço frases desconexas, numa voz angustiada que percorre os corredores como uma coisa viva. Alguma cama range. Nem sempre os monges têm um sono tranqüilo.*

### **A Ordem**

*São 9 horas da manhã: Dom Victor celebra a missa encomendada. Dom Carmelo dá aulas para dezesseis seminaristas; o Irmão José cuida da horta. Os outros monges estão recolhidos em meditação. Rezar e meditar é o que eles mais fazem, porque pertencem a uma ordem contemplativa – os cistercienses.*

*Dom Carmelo gosta da sua vida de recolhimento:*

– *Não sei como se pode agüentar a vida agitada das grandes cidades, onde o homem mal tem tempo de pensar em Deus e em si mesmo.*

*Ele olha pela janela da sala de aulas:*

– *Quando chegamos, há vinte anos, isso aqui era mato puro.*

– *O senhor não tem saudades da Itália?*

*Há uma pausa prolongada, antes da resposta.*

– *Tenho saudades, sim, mas estou satisfeito aqui no Brasil.*



*Dom Carmelo é um homem tímido, humilde, conservador, quase ingênuo. Não entende como sacerdotes podem se envolver em política ou colocar em questão a indissolubilidade do casamento ou o celibato dos padres.*

*– O divórcio é inadmissível: ninguém pode modificar uma lei divina.*

*Ele cuida pessoalmente dos dezesseis seminaristas: meninos de origem pobre, que chegaram de Ibiraci, Santa Rita, Franca e outras partes das redondezas.*

*– Tratamos deles como se fossem nossos filhos: aqui eles recebem comida, educação, roupa, sapatos, disciplina.*

*Logo depois do almoço, Dom Carmelo reúne os seminaristas, para levá-los até Franca na Kombi do mosteiro. Eles freqüentam um ginásio estadual naquela cidade paulista, porque os monges ainda não puderam organizar um curso nas dependências da abadia.*

*O Abade Pedro José Agostini é calmo, compreensivo, bem-humorado. Ainda com alguma dificuldade, arrastando os pés: tem problemas cardíacos e circulatórios. Ele é indiscutivelmente o líder.*

*Seus pais eram muito católicos e o prepararam desde cedo para o sacerdócio. Aos onze anos, foi matriculado na primeira turma (doze alunos) do primeiro seminário cisterciense, em Roma. Até então, a ordem só recebia adultos.*

*– A influência de meus pais foi decisiva para que eu me tornasse seminarista. Naquele tempo, os filhos obedeciam aos pais, sabiam respeitá-los. Hoje, não: estamos numa época de contestações. Até alguns padres já estão tentando contestar o papa, veja que absurdo!*

*Aos 18 anos de idade, numa festa junina, Pedro segurava uma bomba quando ela explodiu: perdeu a mão direita e a possibilidade de se tornar padre. Sabia que o papa já recusara o sacerdócio a homens sem os dedos da mão, o que lhe tirava qualquer esperança.*

*Alguns anos depois, no entanto, conheceu um padre belga que intercedeu pessoalmente junto a Pio XII, obtendo sua autorização para que ele se tornasse sacerdote. O abade sorri. Mostra sua mão de plástico e diz com ironia:*

*– Foi uma tragédia, mas tudo terminou bem. Em agosto do ano passado, fui eleito abade de Claraval pelo Papa Paulo VI. Estou com 66 anos, ainda posso chegar a papa...*

*Ele puxa uma caixinha de rapé, leva uma pitada ao nariz.*

*– Já não me deixam fumar, nem comer bons pratos. Estou proibido de fazer as coisas boas. Va bene: isso me dá mais uns anos de vida.*

*Subimos a escada devagar, ele se apóia no meu braço.*



– *Minha maior preocupação – diz – é despertar novas vocações. O mosteiro está praticamente vazio. É preciso encher todas estas celas com jovens capazes de se dedicarem a Deus. Infelizmente, isso não é nada fácil...*

*Ele me deixa junto à porta da cela de Dom Felipe e segue para a sua, onde vai meditar até a hora das próximas orações – 14h30min.*

*No mosteiro, quem melhor conhece a história da Ordem é Dom Felipe Montini, que passa a maior parte do dia na cela, lendo, escrevendo e meditando. Homem, culto, estudioso, já dirigiu uma revista católica. É irmão do abade.*

– *O exemplo do meu irmão mais velho e o desejo de minha mãe, além da minha irrecusável vocação, levaram-me à vida monástica.*

*Para Dom Felipe, a crise atual da Igreja é resultado de pouca vida interior, mesmo entre sacerdotes.*

– *Onde estão os homens como Santo Inácio de Loyola, São Vincenzo Ferreri, São Giovanni Bosco? Falta-nos o espírito destes santos, sua orientação.*

*Eu o interrompo:*

– *Qual o papa de sua preferência?*

– *Eu diria que os papas de minha preferência são Paulo VI e Pio XII. Acho João XXIII muito voltado para fora, sem a mesma vida interior daqueles outros dois. Um homem de gestos.*

*Formado em letras pela Universidade de Milão, Dom Felipe é um pesquisador dos problemas da Igreja e do nosso tempo. Ele vê com muitas reservas os atuais movimentos pela revisão de certos princípios eclesiais:*

– *Sou contra o divórcio e a pílula anticoncepcional. O divórcio não é remédio; só agrava um mal. Há uma crise da família, que terá solução quando todos passarem a viver de acordo com os princípios cristãos. Quanto à pílula, ela trunca forças naturais do homem e da mulher. Impedir voluntariamente os efeitos de energias naturais não é um procedimento cristão. Só se deve controlar a natalidade pela vontade, pela força da mente.*

– *E a participação política da Igreja?*

– *Somente em segundo plano. Em primeiro lugar, nossa obrigação é conduzir os homens a Deus. O que nos leva à batina senão um chamado de Deus?*

– *E nos casos em que disso depende a solução pacífica de um conflito?*

– *Somos a favor de um diálogo com todos, mas um diálogo franco e sem compromissos. Evidentemente, combatemos qualquer tipo de guerra, mas não podemos abrir mão de princípios, embora estejamos dispostos a conversar com todo mundo, para evitar que se recorra à violência.*



*Sem dúvida, Dom Felipe é o ideólogo do mosteiro, embora tenha chegado ao Brasil há apenas três meses. Não será surpresa se um dia ele suceder o irmão na direção da abadia.*

*Ele conta a história da ordem:*

*– Em 1936, o bispo diocesano de Sorocaba, no interior do Estado de São Paulo, doou uma paróquia em Itaporanga a Dom Atanásio Merkle. Em agosto daquele ano, chegaram os primeiros monges cistercienses e iniciaram a construção de um mosteiro. Era a primeira obra da ordem no Brasil.*

*Novos mosteiros foram surgindo: Jequitibá, na Bahia; Ribeirão Vermelho, um mosteiro de monjas, mais tarde transferido para Itararé, em São Paulo; São José do Rio Pardo, também em São Paulo; Claraval, em Minas Gerais; e Itatinga, em São Paulo. Atualmente, há seis mosteiros cistercienses no Brasil, com cerca de 80 monges e 20 monjas.*

*A ordem nasceu a 21 de março de 1098. No dia da festa de São Bento – o patriarca dos monges no Ocidente –, 20 beneditinos se instalaram em Citeaux (Cister – de que provém cisterciense), na Borgonha, no sul da França.*

*O ideal daqueles monges era levar uma vida de absoluto recolhimento, mas as dificuldades iniciais quase os derrotaram. A vida era dura; o lugar, afastado; as instalações do mosteiro, paupérrimas. E a nova fundação se via ameaçada de extinção pela falta de noviços. Até que, na Páscoa de 1112, um jovem de 21 anos, de ascendência nobre, entrou no mosteiro recém-fundado com mais 30 amigos. Era Bernardo de Claraval, que seria declarado santo em 1174.*

*A partir de então, a vida claustral cisterciense expandiu-se muito, tanto na Alemanha como na Áustria, na Itália e até no leste europeu (principalmente na Hungria). Surgiram novos mosteiros, cada um com sua autonomia, embora com um vínculo de filiação com o mosteiro fundador. Até hoje – 800 anos depois – o abade fundador tem o direito de visitar o mosteiro afilhado, para ver como andam as coisas.*

*A mensagem da ordem Cisterciense – como ressalta Dom Felipe – é a da vida e do apostolado monástico: oração, trabalho, pobreza, castidade, obediência, solidão. A vida dentro do mosteiro.*

*– Fazemos três votos: castidade, pobreza e obediência. O voto de castidade permite que amemos mais, porque nos liberta para amizades mais profundas, prepara-nos para o encontro humano-cristão, dá-nos capacidade para amar totalmente. A castidade não é uma fuga, mas uma conquista. Amando a Deus com o coração todo, o religioso tem mais possibilidades de amar ao próximo.*



*Ele se levanta da sua mesa de trabalho e acende um cigarro. Depois senta-se novamente e afasta a máquina semiportátil, onde escrevia um ensaio sobre a crise atual da Igreja.*

### **A esperança**

*Ao sair da cela de Dom Felipe, olbo o relógio: 4 horas da tarde. Neste momento, Dom Silvério, Dom Victor e o abade estão recolhidos em meditação; Dom Carmelo ainda não voltou de Franca com os seminaristas; e Dom Gabriel conversa com a cozinheira do convento – Dona Maria, uma mulher morena, de 35 anos, cabelos lisos.*

*Além de Dona Maria, mais cinco pessoas trabalham na abadia: dois rapazes que fazem a limpeza, um homem que cuida do gado, outro que trata da horta e uma moça de 19 anos – também se chama Maria –, que funciona como ajudante de cozinha. Mas nenhum deles dorme no mosteiro.*

*Vou à despensa, à procura do Irmão José. Ele chegou do pasto, onde esteve examinando as 15 cabeças de gado. Agora, prepara-se para trabalhar na licoraria: está fabricando um excelente licor – São Bernardo – com uma receita do irmão Bernardo, de 1700.*

*– Este licor foi a salvação financeira dos mosteiros cirtercienses na Europa.*

*O Irmão José emagreceu 30 quilos em um ano, quando chegou ao Brasil, em 1963: não se adaptou ao clima.*

*– Tutto por culpa de questo calor ignorante.*

*Apesar disso, ele ainda é homem forte, que não recusa trabalho. Na Itália, porém, não concluiu os estudos por sofrer de sinusite. Por isso, José é um irmão leigo.*

*A ordem possui monges-sacerdotes e irmãos leigos. Estes trabalham no campo, nas oficinas, e ficam encarregados das tarefas que impediriam os sacerdotes de permanecer no mosteiro.*

*Para se chegar a sacerdote, são necessários 21 anos de estudo: primário, ginásial, clássico, curso de filosofia e mais quatro anos de teologia. Para entrar no mosteiro, no entanto, basta o curso ginásial. Depois, um ano de noviciado. Nessa época, o noviço faz os votos simples, por três anos. Ao fim desse período pede a profissão solene, por toda a vida.*

*Acompanho o Irmão José até a igreja: são 6 horas da tarde. A luz do dia já se foi, mas a noite ainda não chegou. O mosteiro é uma enorme sombra, que se alonga em corredores, abre-se em janelas, dobra-se em esquinas e desvãos. Encontramos o Padre Gabriel, que reclama dos seus problemas com o prior:*



– *A cozinheira quer aumento; as obras não andam. É uma luta diária. Ele está há sete anos no Brasil, mas ainda fala com sotaque carregado.*

– *Logo que cheguei, era pior. No primeiro dia em que fui à cidade, as crianças me cercaram, pedindo: “padre, um santinho”. Eu entendia (santinho, em italiano, é santino), mas não conseguia responder. Até que uma menina bem pequena disse para as outras: “que pena, ele é surdo”.*

*As orações terminam perto da hora do jantar. A noite está escura, e o vento que sopra dos lados da serra ameaça novas chuvas. O padre Carmelo me leva pelo gramado em frente ao mosteiro. Olha em volta:*

– *Logo que viemos, arrecadamos fundos e compramos um caminhão. Nele, eu buscava cimento em Itaú, pedra britada em Franca, areia em Rio Pardo. Isso numa época sem boas estradas e com pontes precárias. O próprio abade fez o rascunho da planta, depois executada por um arquiteto e um calculista.*

*Padre Carmelo nasceu em Sora, perto de Roma, há 49 anos. Está no Brasil há 20 anos.*

*Na época em que iniciamos a construção da abadia, esta cidade estava em expansão. Chegou a ter dois bancos, duas farmácias, algum comércio de milho, arroz, café e pecuária. Depois, foi regredindo. Hoje, é uma cidade em decadência: os bancos se foram, o comércio diminuiu, muita gente se mudou.*

*Há certa nostalgia na sua voz. Possivelmente ele se pergunta se valeu a pena construir este mosteiro monumental junto a uma cidade que, em vez de progredir, regride.*

*Nos confins de Minas, sete monges vivem num isolamento medieval, praticamente desligados do mundo. Eles andam pela solidão da abadia, à espera de companheiros que podem chegar ou não. A dúvida do Padre Carmelo os assalta na mesa, na cela, no claustro. Mas eles não desanimam. Talvez aguardem a chegada de um novo Bernardo de Claraval.\**

---

(\*) Reportagem publicada em *Realidade* em 1970.

**HOJE É  
DIA DE  
CINEMA**

Página 22 e 23



# jornal da tarde

4 de janeiro de 1966 Número 1 Ano 1  
Cr\$ 100

O ESTADO DE S. PAULO

## Nôvo ato contra o preço da vida

O governador Carlos Brant de Paula Lima não só conseguiu que para vencer o aumento de preços, segundo fontes militares, tenha lançado mão em Brasília.

A medida estaria em conformidade com o plano de governo apresentado, amarrando logo após a votação dos preços do subsistencial no primeiro dia de ano.

## A história de dois jornais

O ESTADO DE S. PAULO, no dia 4 de ano 1966, anunciou, através de seu líder paulista, como lançamento, seu primeiro número do JORNAL DA TARDE, a iniciativa de O ESTADO DE S. PAULO, dando o nome ao primeiro "A Primeira de São Paulo", está na página 14. A história de nascimento e do lançamento de JORNAL DA TARDE, encontra-se nos artigos de João de Melo e Silva Filho, está na página 4.

## Modesty chama para a aventura

Página 28



## Calhambaque faz bibi na Justiça

O cantor Roberto Carlos fez uma piada e agora está sendo julgado em Juízo. O dono do calhambaque era Roberto Carlos, como fotografia de revista e, em seguida, em livro de música, a sua Chevrolet USD. Está suposto uma indenização de Cr\$ 40 milhões em o Estado está sendo tentado de pagar, se não acabar Pág. 7.

## Veja o mau patrão e suas histórias

O processo do Genésio Federal contra o empresário J. J. Abdalla, por dois tipos de crimes de crimes, já está sob a guarda das 18 h de hoje, entre 10h e 22h (realização de apuração que foram acompanhadas, não apenas pelo juiz e foram acompanhadas de diversas formas. O processo não tem resultado de uma acusação que se propõe Abdalla havia acusado. — Pág. 15.

## às 3 da tarde

MANDEI LÁ 15 — O dia 4 de ano 1966, foi um dia muito bom, com um tempo muito bom e muito bom. O dia 4 de ano 1966, foi um dia muito bom, com um tempo muito bom e muito bom. O dia 4 de ano 1966, foi um dia muito bom, com um tempo muito bom e muito bom.

ESPERAMOS MUITO TEMPO — Uma grande expectativa foi criada em relação ao jogo de futebol entre Flamengo e Corinthians no dia 4 de ano 1966. Este dia marcou a estreia do novo estádio do Flamengo, o Estádio de Maracanã. O jogo foi muito bom e emocionante, com o Flamengo vencendo por 2 a 1.



Tribuna "Jornal da Tarde"

*Generais aqui reunidos  
ouvem Costa e Silva  
explicar a candidatura*

Página 19

# PELÊ CASA NO CARNAVAL

Página 29



A primeira capa do Jornal da Tarde, em 4 de janeiro de 1966.

Essa é minha Rose que vai casar com Edison, o Rei Pelê, na terça-feira de carnaval. Ninguém está correndo.

# Garrincha para o Corinthians

Fig. 28

# O jornal da era do Aquário

por *Ivan Angelo* \*

Quem quer que examine o fenômeno *Jornal da Tarde* na imprensa brasileira não pode deixar de considerar a produção cultural de 66 a 70, época do seu lançamento e consolidação, de intensa criatividade, de propostas radicais; nem pode deixar de considerar as mudanças de comportamento que estavam ocorrendo ou germinando, igualmente criativas, radicais – e aí encaixar o jornal, que começou a circular a 4 de janeiro de 1966.

Quando chegamos a São Paulo, na primeira semana de dezembro de 65 – um bando de uns 12 garotos mineiros que amavam os Beatles e os Rolling Stones –, para ajudar a fazer um jornal diferente que ia sair em São Paulo, chamado *Jornal da Tarde*, já havia uma equipe trabalhando nesse projeto no quinto andar da Rua Major Quedinho 28. Por que esses mineiros? Achavam, ali, que uns certos jornalistas de Minas tinham “um textinho bom” para o que pretendiam. Começamos imediatamente o “curso de vespertino diferente” orientado por Mino Carta, o editor-chefe, e Murilo Felisberto, o secretário de redação, mancomunados com Ruy Mesquita, o diretor. Nada de teoria. Prática. Mão na massa. Um mês de ensaios para que cada um dos 70 jornalistas profissionais que formavam a primeira equipe soubesse direitinho seu papel no dia da estréia. Um mês de números zeros (edições experimentais que se preparam antes do número 1), seguidos de discussão diária, correção diária de rumos, procura diária de um estilo de texto, de lide, de foto, de enfoque, de título,

---

(\*) Ivan Angelo atualmente é colaborador do *Jornal da Tarde* e da revista *Veja*. Este texto encontra-se no *site* do *Jornal da Tarde*.

de diagramação. Havia uma vaga referência, o vespertino francês *France Soir*, do qual nos aproximávamos em algumas reuniões de pauta e do qual nos afastávamos a cada número zero – porque não era bem aquilo. Cada um tinha um jornal diferente na cabeça, mas não tão diferente que não pudesse ser a mesma coisa.

Relembrando aqueles tempos, Ruy Mesquita disse em um depoimento, em 86, que uma das idéias básicas era não competir com os outros jornais em termos de volume de informações, “porque nós íamos preocupar-nos muito mais com fazer alguma coisa que seria um misto entre um jornal diário e uma revista semanal”. O editorial do primeiro número definia o jornal como de “estilo vibrante, irreverente, de um vespertino moderno que visa atingir um público diferente daquele que, normalmente, lê apenas os matutinos”. Mino Carta, o primeiro editor-chefe, disse em 86 que aquele jornal foi, sim, uma revolução, “pelo menos na forma”. A fórmula? Mino disse que lhe deram carta branca e dinheiro para contratar os melhores profissionais. Mas o *JT*, segundo ele, encontrou seus rumos entre 69 e 73: “É aí que ele se cristaliza”. Ruy Mesquita confirma que dinheiro não faltava: “Nos primeiros dez anos nós nadávamos em ouro”. E sobre os rumos: “O jornal chegou a uma coisa que eu nunca imaginei que um jornal pudesse chegar: chegou a usar a imagem dispensando a palavra na primeira página e com sucesso absoluto”.

Para falar com franqueza, nem a gente que estava lá no começo sabia o que o jornal ia ser. Mais tarde, à distância de uns meses ou uns anos do lançamento, sabíamos que era aquilo mesmo que queríamos. E hoje, 25 anos depois, suspeitamos que o *JT* tenha sido um pouco mais do que pretendíamos.

Por isso é que preciso considerar a agitação cultural da época. Determinante e determinada. O que acontecia no mundo entre 66 e 70?

Goddard era o cineasta, o fim do cinema, depois dele o dilúvio. Os Beatles eram a música, na virada do Sargent Pepper's Lonely Hearts Club Band, ameaçados pela boca enorme de Mick Jagger gritando *I can get no satisfaction*. Bob Wilson hipnotizava o público nos teatros em espetáculos de seis a 12 horas em que aparentemente nada acontecia, a não ser uma revolução. A arte era *pop*, o popular como ponto de partida, o quadrinho virando quadrão. Os *hippies* distribuía flores e LSD na aurora da era de Aquário, que deveria durar cem anos. A Nova Mulher inaugurava-se ruidosamente. Primeiro, com as feministas incendiando a Bastilha dos sutiãs em praça pública, libertando seios para sempre. Segundo, com as femininas aderindo à febre da minissaia, radicalizando o jogo da sedução. Terceiro, com umas e outras ganhando da ciência a segurança da pílula anticoncepcional. Os jovens passavam as senhas da sua revolução através da conspiração internacional do *rock'n'roll*. Para eles, a guerra era o mal, heróis eram os que estavam contra ela. Herói era Cassius Clay, aliás Muhammad Ali, aquele maldito que se recusou a lutar no Vietnã. Heróis eram aqueles caras que viravam carros e jogavam pedras e coquetéis Molotov na polícia, em maio de 68, em Paris, e queriam pôr fogo na Sorbonne, porque a universidade “estava morta”. Herói era Guevara, que foi procurar a revolução em outro lugar, quando Cuba encareceu. Heróis eram os Beatles, que no fim da década desistiram daquela máquina de produzir milhões de dólares e desmancharam a banda.

Parecia que quase tudo era possível, bastava ousar. Pisar na Lua era possível. Pisaram. Recusar ir para a guerra era possível. Recusaram. Desviar um avião para Cuba era possível. Desviaram. Reunir um milhão de jovens num festival de *rock* sem polícia nem brigas era possível. Reuniram, em

Woodstock. Teatro sem peça era possível, exposição sem quadros era possível. Fizeram *happenings*. Obrigar a ditadura militar a ler em todas as televisões um manifesto contra ela mesma era possível. Obrigaram. Livrar-se da URSS era possível. Tentaram, os tchecos tentaram. Ganhar o trimundial de futebol era possível. Ganhamos.

E qual era a produção cultural paulista em que o *JT* se inseria? O que borbulhava no caldo cultural entre 66 e 70? Festivais de MPB escanteavam uma cansada bossa nova, proibindo proibir, caminhando contra o vento sem lenço sem documento, introduzindo Caetano, Chico, Gil, Gal, Vandrê e muitos outros, o próprio Roberto Carlos mandava tudo pro inferno, maestros enfiavam acordes, poetas sugeriam deboches, Oiticica criava o parangolé, pintores ousavam papagaios – e olha aí o tropicalismo nascendo. No teatro, o Oficina dava o salto de *O Rei da Vela*, depois *Gracias Señor*. Bob Wilson agitava no Municipal. Vitor Garcia mostrava que quase tudo era possível em teatro. Sganzerla largava a crítica de cinema do *JT* e fazia *O Bandido da Luz Vermelha*. A Bienal premiava uma escultura insólita: o dedão polegar de Cesar.

O *Jornal da Tarde* que se fez foi uma dessas ousadias da época. Criatividade. Proibido proibir. Na diagramação, os próprios (não os diagramadores, não os diretores de arte) desenhando, inventando, experimentando, como artistas visuais. Na reportagem, a valorização da visão pessoal do repórter, trânsito livre para o texto mais literário. Na reportagem policial, fim do jargão, estímulo às histórias no estilo dos contos e romances policiais. Sustos na Imprensa: todo o mundo trabalhando num só assunto, como na trágica tromba d'água de Caraguatatuba; um suplemento inteiro para o primeiro transplante de coração feito no Brasil; viagens pelos quatro cantos, descobrindo ou redescobrendo Brasil, como a

travessia da Transamazônica; briga contra o governo já no primeiro ano, como a manchete de 23/13/66: “Ditador Quer Calar a Imprensa”. Novidades na área de serviços, como os roteiros de lazer (*Divirta-se*), as provas de vestibular corrigidas no mesmo dia dos exames (quando o *JT* saía à tarde), instruções para preencher o Imposto de Renda. Fotos abertas acintosamente. Uso e abuso de ilustrações, desenhos. A capa diagramada como um cartaz.

Cada jornal escolhe sua tradição, o *JT* escolheu essa dos seus primeiros anos. Na luta contra a censura, receitas culinárias ocupavam o lugar das matérias cortadas pelos censores e assim o jornal denunciava a arbitrariedade. A página é pequena demais para abrir uma foto? Vira-se a página. Não há notícia que mereça manchete? Pede-se em manchete que o leitor escolha a sua. Reagan baleado? Um supercorte na foto e mostra-se a cara dele no momento em que foi atingido. O Brasil perde a Copa de 82? A capa é só a cara de um menino chorando, e a data. Corinthians campeão depois de 23 anos de jejum? Capa inteira e um suplemento para ele. Maluf promete tirar petróleo do Pontal do Paranapanema? O nariz dele, em caricatura, cresce durante um mês na capa do jornal. O comício das diretas-já é grande demais para uma capa de jornal? Usa-se uma foto só, sem título, da capa à última capa, página dupla. Maluf está perdendo a quinta eleição? A foto do candidato, arrasado, antecipa o resultado.

Quem folheia a coleção do *JT* nesses 25 anos percebe que ele mudou. Mudou, não: foi mudando. Mas só não mudou o que estava parado. Como naqueles tempos, o jornal continua pretendendo ser um espelho da sua época.

# LIVRO DE CABECEIRA DO **HOMEM**

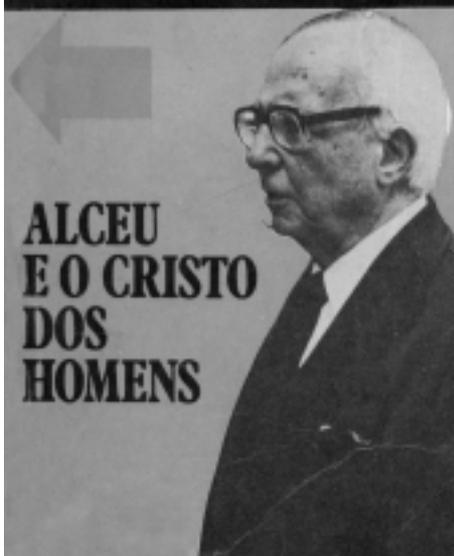
NOVA FASE-VOLUME 2 ■ PUBLICAÇÃO BIMESTRAL DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

TRÊS  
CANTOS  
INÉDITOS DE  
MILTON  
NASCIMENTO



HISTÓRIAS DE  
UM CRIOULO  
REPRODUTOR

ALCEU  
E O CRISTO  
DOS  
HOMENS



HORTA: O CARTOLA  
DOS CARTOLAS

# Histórias de um crioulo reprodutor

por *Luiz Carlos de Souza\**

Entrevistei João Antonio Guaraciaba, o preto velho que foi reprodutor de escravos, por duas vezes. A primeira para a *Folha de S. Paulo*, onde trabalhava na sucursal Rio, em reportagem que saiu em 13 de maio de 1975, comemorativa da Abolição da Escravatura e que foi prêmio de melhor matéria do mês no jornal. A segunda vez foi para o *Livro de cabeceira do homem*, da Editora Civilização Brasileira, de Ênio Silveira, publicação dirigida pelo jornalista e escritor João Antônio.

Descobri o reprodutor de escravos numa conversa com o fotógrafo Ubirajara Dettmar, que se assina U. Dettmar. Ele o conheceu numa passagem por Mauá, em Magé, Estado do Rio de Janeiro e sabia onde ele morava. Dettmar, um repórter fotográfico que tinha fome de reportagens, foi falar logo comigo, repórter compulsivo. Sugerimos a matéria ao jornal e fomos a Magé. Voltamos com uma boa história.

Na segunda vez que fui à casa de Guaraciaba a surpresa já não era tanta, mas fiz uma entrevista muito mais longa e com outras apurações paralelas ao assunto de escravidão no Brasil, já que íamos fazer um trabalho para entrar num livro. Seriam publicados também trabalhos de outros autores não só de reportagens, mas de artigos, como um escrito por Alceu de Amoroso Lima.

---

(\*) Luiz Carlos de Souza foi repórter no *Correio da Manhã*, *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *Jornal do Brasil*, *Jornal do Commercio*, *O Globo* e *Diário Comércio e Indústria (DCI)*. Atualmente é assessor de Comunicação Social da Fundação Instituto de Geotécnica do Município do Rio de Janeiro (Geo-Rio).

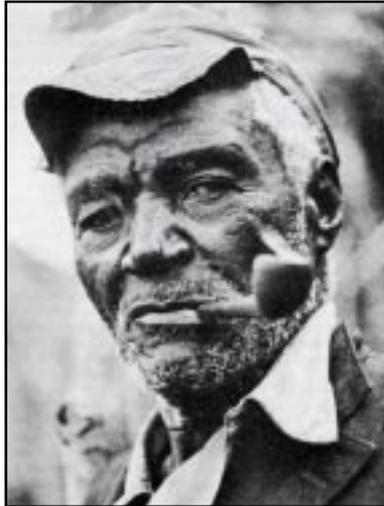
Conversar com o reprodutor de escravos era conversar com o próprio tempo e navegarmos no barco fantástico que foi a sua vida. Coisas de se acreditar ou não, pois sua memória de 125 anos já falhava. E ele viveu num Brasil de mulas-sem-cabeça, lobisomens e almas do outro mundo que via passarem por ele, nas noites de sextas-feiras.

Apesar de ter feito 300 filhos de encomenda, para aumentar a população das senzalas, Guaraciaba não enriqueceu com a atividade. Vivia pobrementemente num casebre no meio de um terreno, cercado de pés de bananeiras. Mas tinha saúde. Caminhava, montava sua égua Boneca, e descansava na cama tosca. No seu tempo sua atividade foi considerada normal e dentro do modo de produção da economia escravista. Sua finalidade era reproduzir para que houvesse mais mão-de-obra escrava e os investimentos na compra de cativos se pagassem mais rápido. O senhor comprava uma escrava e se ela tivesse logo filhos, já ia fornecendo outros para seu dono.

Não sei se aprendi assim ou incorporei o modo de muitos repórteres que me estimularam e contaram suas histórias, mas fiz jornalismo com paixão. Diante de uma pauta como a do reprodutor de escravos, não havia muito o que esperar. Era preciso agir logo, antes que outros a fizessem, e assim aconteceu. A matéria da *Folha de S. Paulo* teve repercussão, mas as emissoras de televisão, se me lembro, só o procuraram depois que saiu a reportagem no livro.

Fui fazer a segunda entrevista, para o *Livro de cabeceira do homem* – a Editora tinha também o *Livro de cabeceira da mulher* – num sábado de folga no jornal. Era muita vontade mesmo, e me sentia honrado pelo convite de João Antonio em produzi-la para livro. Dessa vez pesquisei bastante em livros de História do Brasil, sobre as leis que regularam a escravidão, sobre a ação da Inglaterra contra navios negreiros, por interesses comerciais, sobre religião e folclore. Escrevi a reportagem de um jorro só, no dia seguinte, na redação.

Era um tempo de jornalismo em que nos envolvíamos com quem



José Guaraciaba  
na foto  
de U.Dettmar.

entrevistávamos, como foi o caso. Eu nem tinha consciência de que estava fazendo *new journalism*. Ali não era uma notícia de 15, 20 linhas, sem nenhum envolvimento. Além disso, na minha concepção, costurada em redações como a do extinto *Correio da Manhã*, jornalismo era humanismo, apesar de estarmos inseridos num processo industrial.

Dettmar caprichou nas fotos e fez, inclusive, depois da publicação, alguns pôsteres para colocarmos nas paredes de nossas casas. Fui até João Antonio Guaraciaba fascinado pela sua saga. Não é qualquer pessoa que deixa 300 filhos nesse mundo. Ainda mais num fazer profissional. Havia, porém, em seu olhar, quando falava das mulheres, algo mais além de uma história de trabalho. Sentia-se, claramente, que ele tinha unido o útil ao agradável, em boa parte da sua longa vida.

Quando Guaraciaba morreu, dois anos depois de nossas entrevistas, eu soube da notícia pelo jornal *Ultima Hora*, já extinto. Pensei muito nas nossas conversas e na sua simplicidade filosófica sobre sua passagem na Terra: “Eu sou pela lei do Aleixo, no mundo eu acho, no mundo eu deixo”, dizia.



*As idéias que se tem sobre um preto velho de 125 anos que foi reprodutor de escravos são muitas, quando se parte para encontrá-lo nas lonjuras do Distrito de Maná, em Magé, Estado do Rio de Janeiro. Ou pensa-se que ele estará acamado devido à idade, que vai misturar as lembranças demais, que não vai querer conversar, ou falará sem parar. Não foi isso que aconteceu quando cheguei com meu colega Ubirajara Dettmar, repórter-fotográfico, à casa dos compadres de João Antônio Guaraciaba (às suas ordens), onde ele tirava uma pestana em cama pobre, sábado, 7 de junho de 1975.*

*– Reportagem? Nhô desculpe mas não quero não, lucro muito pouco com isso – diz ao sair do barraco de Jorge Batista, o Jorge Carroceiro e Maria Mendes Gomes, para nos atender, logo colocando um boné de pano verde na cabeça, que a chuva é fina e, o frio, forte. Ali é um dos lugares onde esse preto velho, alto e de carapinha branca para nas suas andanças, andar vagaroso por causa do reumatismo e das oito picadas de cobra que levou na perna direita, de tanto viver nos matos, esses anos todos.*

*Francisco Estevão da Silva, 12 anos, enteado de Pedro Barbosa, um outro seu compadre, foi quem nos guiou até ele, por uma porção de estradinhas, apontando da janela do carro para onde devíamos seguir. Velho danado, esse, pensamos, como anda! Já estávamos cansados de procurá-lo em sua casa de barro batido no Caminho da Vala, chamar, chamar por ele e nada. E não apareceu no boteco de Dona Nega, onde tem amizades, nem na casa dos crentes Miguel e Maria José da Silva, do culto evangélico, a que ele aderiu e aferquenta, como diz, depois de ter sido católico e macumbeiro.*

*Já sabemos que ele é um sujeito querido ali em Maná, lugarejo no fundo da Baía de Guanabara, a 30km do Rio, duas horas de automóvel, também servido por ônibus de onde se avista longe o Pão de Açúcar e o Corcovado. No boteco de Dona Nega, próximo à sua casinha, Maria de Lurdes Dias, filha da dona, gosta muito dele. Desenganada pelos médicos que lhe diziam ter útero infantil e por isso abortava todas as crianças que esperava, hoje tem dois garotos lindos.*

*– Velho João me deu umas ervas que ele colheu no mato e mandou eu preparar um chá. Foi batata, bateu, valeu; agora tenho que tomar cuidado e pílulas para não ter filhos demais.*

*Ali o velho vai de vez em quando. Antigamente, antes de viver crente, tomava uma biritas; mas agora, não. Só brinca com Dona Nega, perguntando se não quer namorar com ele, porque sente muita solidão nas noites de frio no seu barraco.*

*– Nhô quer saber da minha vida? Tem que ser devagar, pra me alemlrar direito.*

*E logo sentou numa cadeira que a filharada dos compadres trouxe pra ele e que depois trocou com a minha, muito mais macia para seu corpo cansado. Debaixo da coberta, protegido da chuva, como quem já está acostumado a receber repórteres de uns*



dois anos pra cá, Guaraciaba conta que, apesar de registrado no cartório de Magé como nascido em Campos, Estado do Rio de Janeiro, nasceu mesmo foi na África, em Angola. Terra de onde veio com 4 anos, acompanhado da mãe, a escrava Angelina Maria Rita da Conceição. Só há dois anos é que velho Guaraciaba tirou certidão com testemunha e tudo, porque naquele tempo não tinha disso não, a data do nascimento passava de boca, de parente para parente. Dia 20 de setembro completa 126 anos, bastante lúcido, ainda enxergando bem para longe e sem sofrer de surdez.

– Eu nasci em 1850 e nunca fui escravo! – João arregala os olhos e repete, nunca foi escravo porque é filho do Barão de Guaraciaba, um mestiço fazendeiro, comprador de negros na África onde conheceu sua mãe, então crioula forte com 15 anos. Engravidou Angelina e como não podia trazê-la para o Brasil, o Barão a trouxe com o filho numa segunda viagem de compra de escravos, num veleiro negreiro.

Quando João Antônio Guaraciaba (que tem o mesmo nome do seu pai barão) veio para Mauá, então Vila de Guia de Pacobaíba, tinha 17 anos. A locomotiva Baroneza, da primeira estrada de ferro do Brasil, com 16km, que saía dali até a Raiç da Serra de Petrópolis, já corria nos trilhos desde 1854, levando o imperador para descansar nos fins de semana. E transportando muita mercadoria de Petrópolis para o porto, ainda hoje tem trapiches onde os navios pegavam, saíam da Baía de Guanabara e tomavam seus destinos. Para essa estação – hoje tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do MEC e restaurada recentemente pelo órgão, em convênio com a Rede Ferroviária Federal –, João Guaraciaba, apesar de não ter sido escravo, levou muita água para alimentar a locomotiva a vapor e trabalhou no porto onde os barcos veleiros atracavam.

João se lembra bem que veio parar em Pacobaíba trazido por Irineu Evangelista de Souza, o Barão de Mauá, para tirar (procriar) raça de crioulo escravo para o imperador, que conheceu aquele preto forte na fazenda do Barão de Guaraciaba, onde passou uns tempos e pensou até que ele era escravo. Chegou a querer comprá-lo mas o pai disse que não vendia, porque João era seu filho.

– E preferiu me dar de presente ao imperador, que fez o meu pai barão porque gostou muito dele, nos dias de parada na fazenda em Campos. Também não pagou nada pela casa e comida para ele e os acompanhantes, que meu pai não deixou. Pediu para meu pai construir uma estrada, ligando Campos a Minas, ele construiu; mas nunca recebeu o dinheiro. Quando o imperador caiu, o governo não pagou.

Mãos de dedos longos, braços fortes, capazes de segurar com força as mulatas e crioulas nas fazendas. Era assim o hoje velho e enrugado Guaraciaba, ao chegar a Pacobaíba na barca do Barão de Mauá e ver aquele trem vomitando fogo e fumaça.



*E que só passou a reprodutor de profissão aos 23 anos:*

*– Depois que panhei idade é que fui escolhido para tirar raça, na minha fazenda só tinha eu de reprodutor.*

*Já nem se lembra mais de quantas vezes o imperador veio a Pacobaíba pegar o trem para ir à Raiz da Serra onde apanhava charrete e ia até Petrópolis. Só sabe que ele era um homem sempre com o rosto limpo e bem tratado, como está nos retratos dos museus. Guaraciaba vai logo dizendo que deixou 300 filhos: 100 para o Pedro II e 200 para o Barão de Mauá nas Fazendas de Petrópolis e Correias, fora os que teve com as mulheres da fazenda de seu pai em Campos, ainda adolescente.*

*Ficou nessa vida de reprodutor, deitando com duas, três, quatro mulheres por dia nas senzalas em que o barão e o imperador mandavam, até os 38 anos, quando a Princesa Isabel aboliu a escravidão. Muita água passou debaixo das pontes sobre os rios das fazendas, ele nem se lembra dessas datas todas mas já em 1850 quando nascia em Angola, registra a História, havia a Lei Eusébio de Queiroz que retomava a lei de 1831 declarando extinto o tráfico de escravos e estipulava penas aos infratores. E a lei de 1854 que dava poderes amplos à Marinha para prender quem traficasse escravos que estivessem a serviço do governo, além do decreto de 1866 que libertava escravos que fossem para a Guerra do Paraguai.*

*Houve também a decisão dos Beneditinos em 1866 livrando os escravos nascidos a partir de 3 de maio desse ano, a lei que proibia a venda de escravos em leilão, de 1869, a do Ventre Livre, de 28 de setembro de 1871, aprovada graças aos esforços do Barão do Rio Branco, então visconde, declarando livres os filhos de mulheres escravas a partir daquela data.*

*João Guaraciaba, quando surgiu a Ventre Livre, tinha 21 anos. Muitos filhos que fez, porém, já no vigor da lei, continuaram escravos ou agregados às fazendas sem outro ganho que não a casa e comida simples. E teve depois, em 1855, a Lei dos Sexagenários, declarando livres os escravos de mais de 65 anos e finalmente, em 1888, a Abolição.*

*Ele agora já não se lembra bem, mas seus amigos dizem que ainda cantarola pedaços de emboladas do tempo da escravidão. Em 1871 era muito comum, segundo registros históricos, e ele deve ter escutado muito, o Lundu do Pai João, que falava da injustiça e em que se pronunciava branco como baranco e furta como fruta, assim: Baranco diz: preto fruta, / preto fruta co razão; / Sinhô baranco também fruta. / Quando panha casião. / O preto fruta farinha, fruta saco de feijão; / Sinhô baranco quando fruta, / fruta prata e patacão. / Nego preto quando fruta / vai pará na correção. / Sinhô baranco quando fruta, / logo sai sinhô barão”.*

*– E depois da Abolição fiquei deitando com a nega que eu quisesse, não era mais*



obrigado como antes, quando era a mesma coisa que animal. Se nhô quer saber, nas fazendas que eu ficava, aquelas que não panhavam prenhez comigo eram vendidas para outros fazendeiros. Os donos tinha muito interesse em mulher que reproduzisse para ter mão-de-obra barata, para trabalhar a cana, o café, a mandioca.

E vai contando, naquele tempo é que era forte mesmo, hoje se sente mais mole, só foi escolhido pra ser reprodutor porque era preto de Angola, os senhores queriam pessoas bem fortes para esse serviço.

Guaraciaba achava sua atividade direita porque era permitida e com ela gozava de regalias que o resto da negrada não tinha. Jamais entrou no chicote, nem foi açoitado no tronco ou acorrentado, nunca levou bolo de palmatória, ou teve pés e mãos amarradas no instrumento de tortura chamado vira-mundo, onde muito escravo morreu. Às vezes, morriam com gangrena, de tanto esfregar o braço nas correntes para se soltarem, cortando a carne, que infeccionava. Com ele foi diferente, embora trabalhasse com os escravos do imperador, ajudando na lavoura quando podia, tanto que é aposentado pelo Funeral, e recebe mensalmente num banco de Magé Cr\$ 300,00.

– Que é muito pouco, não dá pra viver, não. Se não fossem os amigos não sei o que seria.

Guaraciaba no seu tempo de reprodutor cobridor de mucamas era muito respeitado, tanto pelos brancos como pelos negros. Quando seu pai o deu para o Imperador, sabia que ia dar conta do recado. Deixou muitos descendentes por aí, hoje tem familiares em Petrópolis, também parentes do Barão de Guaraciaba, mas quase não os vê. Raramente vai lá de ônibus; até 1964 quando o presidente Castelo Branco extinguiu a ferrovia Mauá-Petrópolis, por ser ramal antieconômico, ia de trem, do qual gostava mais.

Seus dois únicos e amarelos dentes aparecem quando ele ri muito, contando que não dava serviço duro nas fazendas. Era só ir nas senzalas e as escravas já estavam esperando, era uma de cada vez na cama. De 20 que entravam, diz, 15 pegavam filhos.

– Home, se facilitasse mais pegava era nelas todas – diz orgulhoso, com saudades dos tempos em que as fazendeiras o levavam nas senzalas em determinadas quadras, ou como explicou, os quartos da Lua. Para aquelas coisas, o melhor era a Lua nova e a Lua cheia, a minguante não gostava muito, porque não prestava, saía tudo fraco.

João Guaraciaba ainda se lembra que a fazenda de Pedro II era ali em Mauá, perto do lugar conhecido por Ipiranga dos Remédios. Naquele tempo era católico mas gostava de macumbas também, principalmente do seu Exu Tranca-Ruas, saravá povo de Angola. Hoje é batista, vai aos cultos aos sábados e domingos, acha que essa religião lhe deu mais paz para viver e desafiar o tempo e os homens, com sua velhice e histórias fantásticas.



*Para ele nunca foi pecado ser reprodutor, numa época em que a Igreja vigiava muito o comportamento sexual das pessoas. “Companheiro do Aleixo, no mundo acho, no mundo deixo”, ditado popular, era sua fórmula de viver naquele tempo em que muita negra teve filho de senhores e muita senhora amaldiçoou senhor, porque eram casados mas ele tinha relacionamentos duradouros com negras também.*

*Teve escravas que ele gostou, alguma, diz; Mas como lembrar do jeito delas, se o tempo passou, todas já morreram? O que sabe é que tem filhos espalhados por aí de 70, 80 anos e que seus traços e sua marca estão no olhar e requebros de alguma mulata de hoje, nos ombros largos e nariz afilado de algum crioulo descendente afastado de alguns de seus 300 filhos.*

*No seu tempo de reprodutor e mesmo depois, livre, as festas que mais gostava eram as de São Jorge, São Marcos, São Sebastião, São João, Santo Antônio, São Pedro, São Paulo e São Benedito. Cantava muito, brincava até de madrugada, gostava de ver capoeiras darem botes, mas não bebia nem fumava, para não estragar o corpo.*

*– Bebida, fumo e gelados tiram a tesão dos homens, esses gelados apareceram depois da Abolição, vieram da Argentina pra cá e não servem pra nada. Só pegou no Brasil porque faz muito calor e o pessoal gosta de se refrescar, mas eu conselho a juventude evitar gelados, sorvetes, é prejudicial.\**

(...)

---

(\*) Fragmento de texto publicado em *O Estado de S. Paulo*, em 7 de agosto de 1897.

# Jornalismo literário

## O desafio de agora

por *Edvaldo Pereira Lima*

Seria equívoco imaginar que o *jornalismo literário* morreu com o *new journalism*, cuja efervescência, infelizmente, minguou-se há muito. Apesar da diminuição do espaço para a grande reportagem na maioria dos periódicos – um fenômeno presente em muitos países –, a versão século XXI do *jornalismo literário* continua viva e pulsante em alguns jornais, revistas e, principalmente, no livro-reportagem.

Nos Estados Unidos, a revista *Esquire*,<sup>1</sup> um templo tradicional do *jornalismo literário*, continua produzindo reportagens de estilo, como demonstra a abertura desse perfil da atriz Catherine Zeta-Jones, preparado por Mike Sager para sua matéria “*Scene From a Story*”:

Agora, com o sol de fim de tarde tornando-se laranja atrás de uma nuvem, Catherine senta-se de súbito, pernas descoordenadas, numa mesa de casca de árvore desgastada, as mãos sobre a barriga grávida, uma taça de champanhe cara borbulhando diante dela. Há pouco ela assinou um contrato de sete dígitos para ser o rosto de Elizabeth Arden. *Chicago* estará nos cinemas em breve, uma amostra de todos os seus anos de treino musical. *Intolerable cruelty*, com George Clooney, virá em seguida. Sem mencionar o nascimento que se aproxima.

Sentado próximo a ela, pensei em algo que ela dissera antes, em resposta a uma pergunta minha. Era uma pergunta cretina, eu sei, mas tinha que fazer:

– Você se sente cinderela?

Olhou-me direto nos olhos, não tropeçou nas palavras:

– Sim – respondeu-me.

Uma nova geração de gente talentosa – Tracy Kidder, Joseph Nocera, Adrian Nicole LeBlanc, David Quammen, Richard Preston, Susan Orlean, Walt Harrington, Lee Gutkind – traz novo fôlego para o *jornalismo literário* norte-americano há pelo menos uma década.

Na Colômbia, a revista *Gatopardo*<sup>2</sup> alçou vôo para tornar-se uma excelente publicação dessa modalidade de jornalismo em língua espanhola, enquanto os jornais *El Tiempo* e *El Espectador* mantêm um certo espaço disponível para reportagens literárias. Nesse país vizinho também está instalada a Fundación Nuevo Periodismo Iberoamericano, criada em 1994 por Gabriel García Márquez para estimular novas gerações rumo ao jornalismo narrativo de profundidade. Lecionam em seus cursos profissionais de reconhecida produção em *jornalismo literário*, como o colombiano Germán Castro Caycedo e a mexicana Alma Guillermoprieto. O primeiro tem no currículo vários títulos de livros-reportagem publicados, excelentes trabalhos, um dos quais, “Colombia amarga”, já vendeu perto de 500 mil exemplares. Alma, por sua vez, cuja carreira desenvolveu-se particularmente nos Estados Unidos, onde hoje escreve para a prestigiosa *The New Yorker*, escolheu o carnaval carioca como tema de seu primeiro livro, *Samba*<sup>3</sup>, em *jornalismo literário*.

Aqui vai um gostinho do que faz *Gatopardo*. Trata-se da abertura da matéria “*Treinta Años en la Luna*”, de Jorge Patiño, que aborda o aniversário de um famoso disco de *rock*:

Andy Warhol saiu do Radio City Music Hall de Nova Iorque na noite de 17 de março de 1973, poucas horas antes de que a Lua passasse de quarto crescente a Lua cheia e deixasse cair sobre a cidade uma luz tão branca quanto seu cabelo. Uns minutos antes, o verdadeiro rei do *pop* havia escutado no auditório uma banda da Inglaterra destinada a ter em suas mãos algo mais do que os 15 minutos de fama que Warhol

prometia a todo o mundo.

Era um quarteto de Londres chamado Pink Floyd. A banda estava a uma semana de deixar de ser apenas um grupo de certa importância para transformar-se na lenda que lançaria um dos mais importantes discos da história do *rock*: *The dark side of the moon*.

No Brasil, o *jornalismo literário*, quase que totalmente esquecido nas redações, mantém-se vivo no espaço acadêmico, gerando gradativamente um contato inspirador das novas gerações com essa empolgante escola de reportar em profundidade o mundo contemporâneo.

No campo da pesquisa, do desenvolvimento e do estudo em nível de pós-graduação, destaca-se o Núcleo de Epistemologia do Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes – ECA – da Universidade de São Paulo (USP), cujos pesquisadores e estudantes de mestrado e doutorado têm ampliado significativamente o conhecimento sobre o tema, através de dissertações e teses transformadas em livros de alcance público. No nível da graduação, pelo menos dois cursos de jornalismo, o da Universidade de Uberaba (Minas Gerais) e o da PUC de Campinas (SP) – introduziram o *jornalismo literário* como disciplinas do currículo.

Na USP, uma proposta experimental renovadora, o *Jornalismo Literário Avançado*,<sup>4</sup> agrega aos procedimentos de captação e redação do *jornalismo literário* o conhecimento transdisciplinar, mais adequado para a abordagem de temas complexos. Temas que exigem do narrador uma visão de mundo integradora, contextual, sistêmica. Como no caso das questões ecológicas.

Um exemplo. Denis Russo Burgierman, em sua matéria “Trilha”, preparada para o livro-reportagem coletivo *Econautas: Ecologia e jornalismo literário avançado*,<sup>5</sup> enfrenta o desafio de abordar o tema da educação ambiental. Conduz o texto com mestria,

transitando-o pela narrativa de uma aula em plena mata, que ele acompanha, e pela exposição de conteúdos conceituais esclarecedores. O propósito maior da reportagem contextualizada, em *Jornalismo Literário Avançado*, deve ser sempre o de lançar luzes sobre o mundo, ajudando o leitor a compreendê-lo, a descobrir o significado, para sua vida, dos temas trabalhados pelos novos repórteres da realidade. Uma amostra desse trânsito:

Também estão com o colete verde da Bioma, a Maria do Carmo, ou só Carmo, outra bióloga, e, quem diria, eu, disfarçado de guia, o que me fez ter que responder algumas dezenas de vezes à pergunta “quanto falta?”, mesmo sem jamais ter passado por lá. O Mau é quem mais conhece a trilha, vai na frente, avisa dos perigos. Foi ele quem disse que viu cobra em todas as vezes que passou por lá, provocando um princípio de pânico entre as meninas e um ataque de prazer sádico entre os meninos. A Fabi é, dos três, a mais séria, responsável pelas broncas nas poucas vezes em que os jovens se excederam, o que não quer dizer que ela seja brava demais ou algo assim. A Carmo, meio ruiva, sardenta, engraçada, é a que ficou mais amiga dos visitantes. Encarregou-se de fechar o grupo e não escondeu o cansaço ao final do passeio. Os três parecem ter menos de 30 anos e demonstram um grande prazer em fazer o que fazem.

Entramos na trilha por volta das dez horas, depois de algumas considerações dos guias, pedindo para os alunos manterem um silêncio possível, não só para perturbar menos os habitantes da mata, mas também para possibilitar que eles sejam observados. Explicam que a mata, aqui na beira da estrada, possui uma concentração grande de árvores como a embaúba, de flor dourada, e o manacá-da-serra, de flor lilás e branca. É sinal de que não há equilíbrio. A Mata Atlântica equilibrada possui uma grande diversidade, sem que uma espécie se destaque.

É possível dizer que um conceito semelhante a este norteia a educação ambiental. Assim como alguém pode achar bonita uma mata formada só de embaúbas, toda florida, é com-

preensível que o homem sonhe com uma classe de escola formada só por prodígios em matemática. A educação tradicional sempre valorizou este tipo de aluno. Acontece que outros tipos de aptidões acabam sendo desprezadas nesse modo de ver. A educação pautada em conceitos do meio ambiente valoriza a diversidade de pessoas, não só de espécies vegetais, respeita a diferença, baseando-se na crença de que há vários tipos de inteligência. Também toma emprestado outros conceitos, como o da interdependência entre os sistemas, sejam eles ecossistemas, ou o sistema de relações entre alunos. Ou então entre as pessoas em uma sociedade, em um país, no mundo.

De volta à contribuição da comunidade acadêmica, também é relevante notar que, no final de 2002, três alunos da PUC de Campinas realizaram seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso –, sob a orientação do professor Celso Falaschi, criando e instalando o primeiro *site* de jornalismo literário do Brasil, o *Jornalite*.<sup>6</sup> Nesse mesmo ano, a Companhia das Letras lançou a coleção *Jornalismo literário*, que promete publicar livros-reportagem clássicos da modalidade. A Geração Editorial também lançou uma coleção promissora, *Vida de repórter*, que estimula o texto narrativo em jornalismo.

Essas iniciativas são uma amostra de que, embora pequeno, o espaço para o *jornalismo literário* no Brasil pode crescer. A crise de linguagem dos periódicos, quase todos presos a textos sem muito brilho, não sabendo o que fazer diante da competição vigorosa da televisão, remete à necessidade do jornalismo impresso produzir matérias que aliem profundidade de abordagem e excelência narrativa. Da mesma forma, a internet representa de um lado mais um fator competitivo que torna os jornais diários algo obsoletos para uma certa parcela da população, enquanto de outro abre oportunidades para jornalistas empreendedores, capazes de explorar criativamente novos caminhos.

Em qualquer desses casos, o *jornalismo literário* tem algo a contribuir para a renovação. Mas, se o jornalismo convencional não tiver flexibilidade para abrir espaço a essa sua extensão complementar de narrativa do real, é possível que ocorra aqui um fenômeno similar ao que se dá nos Estados Unidos. Por lá, hoje o *jornalismo literário* também é chamado de *literatura da realidade* e de *literatura criativa de não ficção*, atraindo para seu campo tanto jornalistas quanto escritores de ficção que desejam narrar a realidade contemporânea, empregando o arsenal narrativo de recursos que dominam. Está presente muito mais nos cursos de Letras do que nos de Jornalismo, um pouco mais nos livros-reportagem do que nos periódicos convencionais.

O fato é que a história em curso deste nosso complexo século XXI em início requer abordagens narrativas de qualidade, inovadoras, capazes de oferecer ao leitor um sentido e um significado profundo dos acontecimentos que raramente encontra na mídia convencional. Se o jornalismo impresso brasileiro perder a chance de abrigar o *jornalismo literário*, terá desperdiçado uma oportunidade importante de renovação, empurrando para longe de si a vocação da narrativa elegante e eficaz do real. Contribuirá assim, indiretamente, para o crescimento da *literatura da realidade* fora do espaço jornalístico.

Essa migração, do jornalismo para a literatura, poderá seguir os passos do que vemos agora ocorrer com o crescimento dos documentários no cinema brasileiro. Na medida em que o jornalismo deixou de retratar com propriedade as vidas humanas e suas histórias, esse vazio narrativo está sendo ocupado por cineastas sensíveis, desvinculados das normas operacionais restritivas que tanto coíbem profissionais talentosos nas redações. *Edifício Master*, *A vida em cana*, *Futebol* e *Nelson Freire* são exemplos que assinalam a mudança da maré. Quem estiver atento, aprenderá.

## Bibliografia

- Capote, Truman. *In cold blood*. Random House, 2002.
- Carta, Gianni. *Velho Novo Jornalismo*. São Paulo: Códex, 2003.
- Cunha, Euclides da. *Os sertões*. São Paulo: Três, 1984 (Biblioteca do Estudante).
- Canudos e inéditos. São Paulo: Melhoramentos, 1967.
- Faro, J.S. Revista Realidade, 1966-1968. Tempo da reportagem na imprensa brasileira, Porto Alegre: Ulbra/Age, 1999.
- Hersey, John. *Hiroshima*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- Vários autores. *Livro de cabeceira do homem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- Wolfe, Tom. *O teste do ácido do refresco elétrico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

### *Sites consultados*

<http://euclidesite.tripod.com.br>  
[www.estadao.com.br](http://www.estadao.com.br)  
[www.esquiremag.com](http://www.esquiremag.com)  
[www.fnpi.org](http://www.fnpi.org)  
[www.jt.estadao.com.br](http://www.jt.estadao.com.br)  
[www.igutenberg.org](http://www.igutenberg.org)  
[www.jornalite.com.br](http://www.jornalite.com.br)

Este livro foi composto em Garamond, corpo 12/16, abertura de capítulos em Garamond Bold, corpo 25, títulos em Garamond Bold, corpo 16, subtítulos em Garamond Bold, corpo 13, legendas em Arial, corpo 8/9,6, e notas em Arial, corpo 8/9. Miolo impresso em papel *offset* 90gr/m<sup>2</sup> e capa em cartão supremo 250gr/m<sup>2</sup>, na Imprinta Gráfica e Editora, em agosto de 2003.